

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Licenciatura em Educação do Campo
Ciências Sociais e Humanidades

Adneia Mata Sousa

**ACENDA A FOGUEIRA, É NOITE DE SÃO JOÃO! UMA AUTOETNOGRAFIA
DAS FESTIVIDADES JUNINAS EM BONFIM, RIO PARDO DE MINAS-MG.**

Belo Horizonte, Rio Pardo de Minas – MG
2023

Adneia Mata Sousa

**ACENDA A FOGUEIRA, É NOITE DE SÃO JOÃO! UMA AUTOETNOGRAFIA
DAS FESTIVIDADES JUNINAS EM BONFIM, RIO PARDO DE MINAS-MG.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, habilitação em Ciências Sociais e Humanidades, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo.

Orientadora: Profa. Dra. Grazielle R. Schweig

Coorientadora: Profa. Me. Meiriele Cruz

Belo Horizonte, Rio Pardo de Minas – MG

2023

*Dedico esse trabalho a meu filho Miguel
que, estando em meu ventre, me
acompanhou no processo de produção
desta pesquisa.*

CARTA DE AGRADECIMENTO

Rio Pardo de Minas, 20 de maio de 2023.

Aos meu colaboradores,

O processo de produção dessa pesquisa não foi fácil, mas contei com a ajuda de pessoas que me fizeram seguir firme no propósito de criação.

Aqui quero agradecer primeiramente a Deus que nos criou em sua infinita bondade, me concedendo sabedoria para concluir esse estudo.

Agradeço ao meu filho Miguel que foi inspiração para essa escrita, estando em meu ventre no processo de produção.

À minha mãe que me incentivou desde o início do curso, me ensinando a enfrentar obstáculos e não me deixando desistir.

Agradeço a toda a minha família que faz parte e dá sentido à minha existência, em especial a meu avô e minha mãe que contribuíram para esse trabalho.

Quero agradecer imensamente às minhas orientadoras Meire e Grazi que me auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa e foram suporte para superação de momentos de fragilidade de uma mãe de primeira viagem. Vocês cumpriram mais que o papel de orientadoras, foram o suporte que eu precisei nesse momento, minha eterna gratidão!

Agradeço também à turma da CSH 2019 que esteve junto comigo durante essa jornada, em especial a Jamilly, Elisena, Márcia, Vânia e José Amilton.

Por fim, é muito importante lembrar, agradeço a mim pelo esforço e comprometimento que tive na produção desse trabalho.

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho consiste em investigar o vínculo entre a comunidade e a tradição das festas juninas, compreendendo as relações sociais envolvidas na produção e organização dessas festas ao longo dos anos na comunidade Bonfim, no município de Rio Pardo de Minas. As festividades juninas estiveram e estão presentes na vida da minha família por estarmos participando desses festejos. Considerando a importância das festividades para a construção de laços entre a comunidade, julgo que este trabalho é uma forma de deixar um registro memorial da organização e participação nos festejos ao longo dos anos, além de apresentar o tema nas diferentes formas de organização, passado e presente, ofertado pela comunidade. Para alcançar tais objetivos me baseio na estratégia de pesquisa qualitativa da autoetnografia, assim, faço um diálogo com pessoas de minha família e com minha própria experiência de vivência nos festejos. Através desses diálogos pude perceber a importância do significado que produz as festas juninas na minha comunidade. O diálogo com autores que debatem conceitos que se inserem nas festividades contribuiu para um novo olhar acerca do tema, me fazendo compreender aspectos importantes dos festejos. Fazer essa pesquisa foi uma forma de adentrar melhor na realidade da organização no passado, trazendo descobertas que me fizeram considerar ainda mais belo o significado de produção do movimento.

Palavras-chave: Identidade; culturas populares; tradição; Festas juninas.

ABSTRACT

The general objective of this work is to investigate the community's relationship with the tradition of the June festivals, understanding the social relations involved in the production and organization of this festival over the years in the Bonfim community, in the municipality of Rio Pardo de Minas. The June festivities were and are present in my family's life because we are participating in these festivities. Considering the importance of these festivities for building ties between the community, I believe this work is a way of leaving a memorial record of the organization and participation in the festivities over the years, in addition to presenting the theme in the different forms of past and present organization offered by the community. To achieve these objectives, I base myself on the qualitative research strategy of autoethnography, thus, I dialogue with people from my family and my own experience of living at the festivities. Through these dialogues I was able to perceive the importance of the meaning that the June festivals produce in my community. The dialogue with authors who debate concepts that are part of the festivities contributed to a new look on the subject, making me understand important aspects of the festivities. Doing this research was a way for me to better understand the reality of the organization in the past, bringing discoveries that made me consider the meaning of the movement's production even more beautiful.

Keywords: Identity; popular cultures; tradition; June Festivals.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CSH - Ciências Sociais e Humanidades

EHE - Ensino Híbrido Emergencial

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

ERE - Ensino Remoto Emergencial

FaE - Faculdade de Educação

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LAL - Língua, Arte e Literatura

Lecampo - Licenciatura em Educação do Campo - FaE-UFMG

TC - Tempo Comunidade

TE - Tempo Escola

OMS - Organização Mundial de Saúde

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

CARTA ABERTA.....	9
CARTA À ACADEMIA	18
SOBRE O CONCEITO DE CULTURA(S) POPULAR(ES) E O PAPEL DAS FESTAS	18
MEMÓRIA, AUTOETNOGRAFIA E A ESCRITA DE CARTAS	23
CARTAS A MIGUEL.....	29
PRIMEIRA CARTA: A COMUNIDADE	29
SEGUNDA CARTA: A FESTA	35
TERCEIRA CARTA: JOVINO, SEU BISAVÔ	41
QUARTA CARTA: MARIA, SUA AVÓ.....	46
CARTA ÀS NOVAS GERAÇÕES	54
REFERÊNCIAS.....	56

CARTA ABERTA

Rio Pardo de Minas, 12 de maio de 2023.

Nasci em 1997, tenho 25 anos, sou filha dos agricultores: Maria da Conceição da Mata Sousa e José Augusto de Sousa (*in memoriam*). Tenho sete irmãos (Adilson, Ademilson, Adilza, Adenilza, Adinei, Andreia, Adriana).

Desde o falecimento do meu pai, em novembro de 2004, minha mãe vem cuidando de seus 8 filhos com muita luta, não foi fácil, pois, no início, éramos todos muito pequenos, mas, com muito esforço, permanecemos unidos e estamos bem, graças a Deus.

Minha família tem nível baixo de escolarização, sendo que minha mãe e meus irmãos mais velhos aprenderam na escola a escrever seus nomes, tendo a segundo ano do ensino fundamental. Minhas irmãs mais velhas concluíram o ensino fundamental e eu, minhas duas irmãs gêmeas, que são mais novas, chegamos à graduação. Uma de minhas irmãs já concluiu o processo de formação na Licenciatura em Educação do Campo (Lecampo), na área de Língua, Arte e Literatura (LAL), a outra cursou junto comigo Ciências Sociais e Humanidades (CSH). Somos uma família humilde e muito apegada aos princípios morais e religiosos que nos foram transmitidos desde os primeiros anos de vida: amor, respeito, honestidade, justiça, humildade, perdão e fé, são a base para vivermos em harmonia na família e com todos ao nosso redor.

Não cursei a fase introdutória do ciclo inicial de alfabetização¹, sendo assim, aos sete anos ingressei na Escola Estadual Elpídio Ribeiro dos Santos na fazenda Bonfim, escola pública de ensino fundamental 1. Concluí o primeiro ano do ensino fundamental 1 sem nenhuma reprovação, porém, não estava totalmente alfabetizada devido ao início tardio na vida escolar. Nesse período, tive uma professora muito paciente, a Laurita.

O segundo ano letivo foi muito importante, pois foi o período em que fui alfabetizada, recordo-me que fui uma das primeiras alunas da turma a aprender a ler, isso ficou marcado na minha memória.

No terceiro e quarto anos do ensino fundamental 1, enfrentei alguns problemas, faltava muito às aulas pelo fato de morar longe da escola e não ter meio de transporte para chegar ao local, desde então, comecei a ter muita dificuldade com as matérias, e isso acarretou muitas perdas na minha vida escolar.

¹ Fase escolar também nomeada de Educação Infantil.

No quinto ano, fui transferida para outra escola da minha comunidade, a Escola Municipal de São Camilo, uma vez que na escola anterior não era ofertado o ensino fundamental 2. Esse período foi muito bom, porém continuava o problema da distância entre a escola e a minha casa. Além disso, ainda nessa etapa de escolarização, minha mãe decidiu mudar para a cidade de Rio Pardo de Minas em busca de melhores condições de estudo para mim e meus irmãos, pois aquela situação era insustentável.

Em Rio Pardo de Minas, iniciei o oitavo ano do ensino fundamental 2, na Escola Estadual José Cristiano, onde permaneci até a conclusão do ensino médio. Esse foi o período em que tive melhores professores, bem qualificados e interessados em ensinar, destaco uma em especial, a Azerlaine, professora de História. Ela, além de ótima para ensinar, também era conselheira e estava disposta a nos ouvir, sempre incentivando a prosseguir com os estudos mesmo diante das muitas dificuldades.

Com o passar do tempo, tive evolução no aprendizado, minhas notas melhoraram e as dificuldades foram diminuindo no decorrer dos anos letivos, e assim consegui concluir o ensino médio.

Como a renda da minha família era muito baixa, comecei a trabalhar com treze anos para ajudar em casa, adquiri aprendizado na área da estética fazendo alinhamentos capilares e design de sobrancelhas. Ainda trabalho em casa de família, cuidando de crianças meio expediente e, nos finais de semana, gosto de cozinhar e fazer pratos diferentes em casa para a família.

Desde que concluí a educação básica, em 2014, pretendia cursar uma faculdade, mas não tinha condições financeiras. Em Rio Pardo de Minas, a cidade onde moro, não tem universidade pública e tampouco meios de encontrar trabalho que me fizesse conseguir arcar com uma universidade ou faculdade particular. Desde o ensino médio já havia ouvido falar da Lecampo, mas nada que me chamasse atenção, pois nunca pensei que eu pudesse vir a conseguir uma faculdade totalmente gratuita. Como sempre, temos um pé atrás com as coisas, imaginei que assim como outros cursos teria que ter gastos, seja com a formação ou com meu sustento em Belo Horizonte.

Passado alguns anos, conheci um professor formado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na Lecampo e ele me explicou como era o funcionamento e que era viável, pois tem ajuda da universidade com os custos quando estamos presenciais e que funciona em alternância. Eu e minhas irmãs ficamos muito interessadas, descemos junto com a minha mãe para o sindicato dos trabalhadores rurais de Rio Pardo de Minas, pois lá conseguiríamos o passo a passo para nos inserirmos no curso. Voltamos felizes e radiantes sabendo que a primeira coisa a ser feita era o Exame Nacional do Ensino Médio

(ENEM) e isso já havíamos feito. Aguardamos a data, fizemos a inscrição para o curso que exigia uma carta de intenção que fazia parte da avaliação junto com a documentação que comprova o vínculo com o campo. O próximo passo era aguardar para saber se havíamos conseguido alcançar os critérios para seleção, nota suficiente no ENEM, avaliação da carta de intenções e a comprovação do vínculo com o campo.

A ansiedade acabou quando apenas uma de nós três foi selecionada, ficamos tristes por não ter conseguido, mas, ao mesmo tempo, felizes pela irmã que havia sido classificada. Ainda havia chance de conseguirmos, já que havia outras chamadas caso alguém desistisse de ingressar no curso, e assim foi feito, veio a segunda, terceira e na quarta chamada eu fui selecionada, faltando apenas 4 dias para a viagem para Belo Horizonte. Fiquei emocionada, nem pensei no pouco tempo que faltava, comecei agilizar a documentação necessária para efetivar minha matrícula. No outro dia, quando fui pegar meu histórico escolar estava constando que não havia cursado a educação infantil. Realmente não havia feito uma vez que não era ofertada na minha comunidade. A diretora me informou que eu precisava de um amparo legal, pois era necessário para todos que não haviam cursado a fase introdutória na época em questão, em 2006. Mandeï os documentos para a Secretaria de Educação de Janaúba, no entanto, seriam necessários quinze dias para o documento ficar pronto.

Infelizmente, isso me travou completamente, pois, ir para um lugar distante sem a certeza que seria matriculada no curso era muito arriscado naquele momento. Foi aí que desisti da vaga pensando em tentar novamente no ano seguinte, já que Ciências Sociais era uma das áreas ofertadas pelo curso que mais me chamou atenção e seria a próxima área a ser oferecida.

No ano seguinte, em 2019, fomos classificadas, eu e minha irmã Adriana, na Licenciatura em Educação do Campo, dessa vez na área de Ciências Sociais e Humanidades. Já estávamos com os documentos prontos para serem enviados, isso nos deixou muito mais confiantes. O processo de matrícula foi tranquilo, quando deferido ficamos muito felizes com a proximidade da realização de um sonho compartilhado por toda família, cursar a graduação e, ainda, em uma universidade pública, a Universidade Federal de Minas Gerais. Para esse sonho ser possível contamos com a formação em alternância que funciona de maneira que nos permite continuar no território de moradia enquanto estudamos. Nos meses de janeiro e de julho há o Tempo Escola (TE), quando estudamos presencialmente em Belo Horizonte. Quando voltamos, há o Tempo Comunidade (TC), no qual continuamos os estudos em nossa comunidade, desenvolvemos trabalhos propostos pelos professores de dentro de nosso território de

moradia.

Em julho de 2019, viajamos para o nosso primeiro Tempo Escola, momento de muita apreensão vivenciada por todos os estudantes, por diversos motivos. Deixar a família, viajar para um lugar desconhecido, convivência com pessoas diferentes e com as mais variadas culturas, uma vez que o curso contempla diferentes lugares e uma diversidade de pessoas. Tudo isso, fez com que me sentisse acuada no início desse processo, no entanto, foram medos que se transformaram ao encontrar pessoas que, por mais que fossem desconhecidas, compartilham as mesmas realidades em lugares diferentes. As trocas feitas entre os estudantes da turma e das demais áreas foram muito ricas e fizeram com que os aprendizados acontecessem em momentos de convivência.

Em sala de aula, tudo foi tranquilo, os professores e monitores foram muito solidários e buscaram compreender os estudantes de maneira que nos sentimos parte importante de uma licenciatura voltada para os povos do campo. Estar na Lecampo, mais do que buscar uma graduação, é contribuir para a luta campesina impedindo um retrocesso nas conquistas que temos atualmente. Estar no curso é uma maneira de contribuir para a reafirmação dos direitos dos camponeses. Agora que estou concluindo, pretendo ser protagonista na educação, de modo que os aprendizados adquiridos ao longo do curso, em diálogo com aqueles advindos de outras vivências, possam ser mobilizados em prol da educação de pessoas da minha comunidade.

No decorrer do curso houve muitos momentos de aprendizados, alegrias e vitórias. Os passeios que fizemos ao longo desse percurso, pessoas que nos inspiraram, professores que deixaram saudades, as noites culturais, cada trabalho, cada semestre finalizado foi motivo de muita comemoração entre nós estudantes. São momentos que, assim como os vários aprendizados, ficarão em minha memória como parte importante da minha vida.

Hoje, no oitavo período, olhando para trás em meio a tantas lembranças boas, não há como não falar das dificuldades encontradas pelo caminho. Quantas vezes pensei em desistir em virtude de dificuldades para realizar os trabalhos propostos, o ensino remoto (acompanhamento do ensino de maneira virtual em período de pandemia), as desistências dos colegas, os horários das aulas e a conciliação do trabalho com os encontros síncronos das disciplinas. Creio que a pandemia de Covid-19² foi a parte mais difícil desse processo, pois interferiu na dinâmica do curso que contempla uma parte muito importante de

² A Covid-19 é uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que foi classificada pela Organização mundial de Saúde (OMS), em decorrência de ter acometido e levado a óbito milhares de pessoas em todo o mundo, de março de 2020 a maio de 2023, como Emergência de Saúde Pública de Âmbito internacional. Durante esse período foi registrado no Brasil, segundo dados disponibilizados pelo Ministério da Saúde, cerca de 37.553.337 casos e 702.421 óbitos acumulados. (Fonte: <https://covid.saude.gov.br/> - Acesso em 18 de maio de 2023).

socialização entre os estudantes e também de aprendizado. No contexto da pandemia de Covid-19, um conjunto de medidas sanitárias adotadas para reduzir o avanço do vírus, dentre as quais, menciono as relacionadas ao distanciamento social, como: a paralisação de atividades não essenciais, o fechamento do comércio não essencial, a adoção do sistema de trabalho remoto e a paralisação das atividades escolares presenciais.

Assim, a UFMG, por exemplo, para garantir a continuidade do processo ensino-aprendizagem dos estudantes adotou o Ensino Remoto Emergencial (ERE), o qual foi instituído pela Resolução nº 02/2020, de 09 de julho de 2020, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade³. Esse modelo de ensino foi substituído pelo Ensino Híbrido Emergencial (EHE), implementado pela Resolução nº 05/2021, de 19 de agosto de 2021, como um modelo de transição das atividades remotas para as presenciais, que retornaram em 2022⁴.

Esse período do ERE foi difícil, como mencionado acima, pois não nos permite alcançar o aprendizado no mesmo nível do presencial, já que, no período presencial do curso, durante o Tempo Escola, por meio da interação com professores e a comunidade universitária trocamos saberes e construímos conhecimentos outros, os quais ficam impossibilitados pelo meio remoto ou virtual. Isso se dá, pois o contato com os professores e a rotina intensa de um mês voltado para o curso faz com que tenhamos um melhor aprendizado, pois vamos para Belo Horizonte com a intenção de estudar, assim, outros aspectos que vivenciamos na nossa comunidade como trabalho e outros afazeres não interferem na nossa rotina.

O retorno para a faculdade em julho de 2022 foi um momento muito esperado por todos que fazemos parte do curso. Aulas presenciais, reencontro com os colegas, professores e monitores era um momento aguardado por todos nós desde o início do modelo de Ensino Remoto Emergencial. Voltamos mais maduros e em uma fase mais intensa da graduação, já que estávamos no sexto período de nossa formação, um momento que exige um maior engajamento no curso tendo em vista as várias demandas que são colocadas pelo curso para nossa formação.

³ Esta resolução está disponível em:

https://ufmg.br/storage/7/2/7/c/727cdac040b9f81d6c3a531b0e3cafe7_15944093123508_526377393.pdf . Acesso em 18 de maio de 2023).

⁴A resolução de implementação do EHE pela Universidade Federal de Minas Gerais e as diretrizes dos modelos remotos e híbridos podem ser consultadas acessando os seguintes endereços eletrônicos: https://ufmg.br/storage/d/e/f/deefd0bd5c2b5e35bf3ae10cc46e020f_16295543640802_862205289.pdf; <https://www.ufmg.br/prograd/wp-content/uploads/2022/01/DiretrizesERE.pdf>; <https://www.ufmg.br/integracaodocente/wp-content/uploads/2021/09/GuiaEHE.pdf> . Acesso em 18 de maio de 2023.

Quando cursamos a Licenciatura em Educação do Campo, Lecampo- FaE-UFMG, não aprendemos apenas teorias, mas passamos a ser motivados por meio das atividades propostas pelas disciplinas, a conhecer a realidade e as necessidades do nosso próprio território. Por diversas vezes recordei da minha comunidade fazendo relações com os assuntos trabalhados nas disciplinas. Por morar em Bonfim, comunidade pequena e afastada da cidade, aprendi a aceitar apenas o que era proposto no local em que moro, é assim que os moradores tendem a pensar na sua maioria. Entretanto, a partir do momento que entrei no curso, compreendi que não devemos ser acomodados, precisamos estar em constante busca por melhorias e que temos papéis importantes como ser social para melhorar o meio onde vivemos.

Nessa perspectiva, em meio aos aprendizados adquiridos ao longo do curso, percebi a importância da cultura para a identidade de um povo, uma vez que essa é o que nos faz pertencer a determinado grupo e que nos une por comungar e tornar forte uma mesma atividade dentro de um território. Na primeira aula do curso, com o professor Matheus Servilha, tive meu primeiro contato com o conceito de cultura, e, desde esse momento comecei a me interessar pelo tema. Em nossas aulas, debatemos o conceito de cultura, que compreende o patrimônio imaterial transmitido de geração em geração que gera sentimento de identidade e continuidade, sendo assim, é uma forma de fazer com que os nossos antepassados permaneçam vivos através da realização de determinada prática cultural. Em diálogo com o autor Geertz (2008), no livro intitulado *A interpretação das culturas*, passei a compreender a cultura como continuidade, continuação de saberes e práticas de determinado grupo. Assim, por meio das reflexões promovidas ao ler este autor, entendi também a cultura com objeto que dá sentido às ações praticadas pelos sujeitos que nela se envolvem.

Outro contato relacionado com o meu problema de pesquisa também ocorreu no primeiro semestre do curso, mas com o professor Paulo Henrique de Queiroz, na disciplina “Educação conhecimento e cultura I”, quando li o livro intitulado *Cultura: um conceito antropológico*, do autor Laraia (2001). Por meio da leitura desse livro, podemos compreender a cultura como produto criado pelo homem, a qual não consiste em um fator biológico, mas é fruto da interação entre sujeitos através da convivência (LARAIA, 2001). De acordo com Laraia (2001), ainda, a cultura influencia e também é influenciada, assim ela faz a identificação dos sujeitos que se relacionam em um determinado território. Ainda na mesma disciplina, dialogamos com o autor Santos (2009) no livro intitulado *O que é cultura*. Por meio da leitura desse livro, compreendemos a cultura como um conjunto de costumes de um povo, dessa forma, ela se baseia em todos os processos da

humanidade (SANTOS, 2009).

Ao tratar essas questões culturais nas disciplinas do curso, me incomodou um possível enfraquecimento dos festejos juninos, que é uma tradição ligada à Igreja Católica e sempre esteve presente na minha comunidade como meio de socialização.

Durante minha infância, tive o privilégio de ouvir os relatos das lembranças da minha mãe sobre as festas juninas, sempre fui apaixonada por histórias antigas e tenho uma atração mais forte pelas festividades juninas, pois é um tempo de muita alegria para todos. São festividades que transmitem muitas sensações, trazem consigo cheiros, cores e sabores muito característicos que alegam o coração de muitas pessoas, assim como o meu.

Através dessas histórias contadas, fiz relações com os festejos atuais e percebi que tem ocorrido uma transformação muito grande na participação e organização dos mesmos. Ao trabalhar os conteúdos mencionados em sala de aula, me incomodou essa tradição tão diferente das histórias contadas pela minha mãe e, a partir desse questionamento, surgiu dentro de mim o desejo de entender se está acontecendo um enfraquecimento ou se trata de uma transformação relacionada ao tempo e espaço que estamos inseridos. Para entender melhor essas questões, fiz uma busca mais atenta, investigando as relações da minha comunidade com esses festejos, para entender se e como se deu algum enfraquecimento ou se a minha percepção se deu através das mudanças temporais que ocorreram ao longo do tempo, influenciando as gerações atuais a não conservarem os aspectos da festa que existiam em outras gerações.

As festas juninas para os bonfinenses constituem-se em uma tradição cultural. Entretanto, embora a comunidade ainda tenha um laço forte com as festividades, por meio de observações que tenho feito nos últimos anos, percebi que não existe o mesmo fervor nas festividades juninas como antes. Então, realizei por meio desse Trabalho de Conclusão de Curso, a investigação de possíveis causas que levaram a esse enfraquecimento ou a transformação do movimento.

Uma festa junina na minha comunidade não é um evento comum, uma vez que existe grande relevância social, tendo uma vertente educativa desde a preparação até a participação nas festas, reafirmando valores cultivados por todos da comunidade Bonfim. Participar desse momento é concretizar os valores dos moradores da comunidade fortalecendo as relações entre o povo bonfinense.

Além de ser uma tradição religiosa, ligada à Igreja Católica, é um momento de socialização entre a comunidade, durante a qual diversas famílias se reúnem em um mesmo espaço para compartilhar saberes diferentes vivenciados em seu dia-dia, como os

causos, as piadas, a cantoria que enriquecem ainda mais os momentos de partilha.

Tendo em vista o enfraquecimento e as transições desses festejos, que acontecem devido às transformações da própria comunidade e da sociedade, este trabalho cumprirá um importante papel memorial, no qual as gerações que não vivenciaram poderão conhecer através desse documento as festividades juninas do Bonfim, de forma que ficará preservada, por meio deste trabalho, uma versão dessa festividade, contada pelos seus participantes. A realização da pesquisa poderá contribuir ainda para revigorar o envolvimento da comunidade com os festejos juninos de forma que estes não desapareçam.

Após ter feito a leitura do livro de Rangel (2008) intitulado *Festas Juninas, festas de São João: origens, tradições e história*, percebi a importância de um documento que aborde as especificidades dos festejos juninos em minha comunidade. A partir da leitura, percebi que existem particularidades que fazem com que esses festejos tenham identidade diferente das demais, trazendo a necessidade desse registro escrito. Também fiz leituras de textos como: Dias, (2019), que apresenta a participação das mulheres na festa de São Sebastião na comunidade Boa Vista em Rio Pardo de Minas; e Gomes (2019), que apresenta a importância da Folia de Reis para um grupo de foliões na comunidade de Monte Alegre em Rio Pardo de Minas. Tendo em vista os temas que abordam aspectos da cultura popular relacionados a religiosidade, senti a necessidade de um trabalho que aborde também as festas juninas, uma vez que é uma cultura forte no município e é importante ser descrita em documentos.

Ainda fazendo leituras de trabalhos desenvolvidos acerca do município de Rio Pardo de Minas, como Souza (2022) que traz as práticas sociais de linguagem na comunidade Bonfim, percebi a falta de trabalhos que abordem a minha comunidade de origem (Fazenda Bonfim). Dessa forma, este trabalho contribuirá para futuros pesquisadores que se interessarem em fazer pesquisas no local e, também, para outros que se interessem sobre culturas populares.

Visando a importância dos saberes tradicionais e a preservação desses, este trabalho tem como objetivo geral investigar a relação da comunidade com a tradição das festas juninas, compreendendo as relações sociais envolvidas na produção e organização dessa festa ao longo dos anos. Para entender essas relações e concluir essa investigação, esse trabalho objetiva também: descrever e registrar as festividades que compõem os festejos juninos da comunidade Bonfim; entender as relações sociais envolvidas na organização e prática das festas juninas na comunidade de Bonfim; investigar os motivos que supostamente têm levado ao enfraquecimento do envolvimento das famílias com essa

prática cultural; e compreender a importância das festividades para os moradores da comunidade em diferentes gerações e a relevância social dos festejos para a comunidade

Para alcançar tais objetivos, este trabalho se baseou no método de pesquisa qualitativa da autoetnografia. Partindo dessa estratégia, pude conhecer e descrever a participação da comunidade em relação às festividades que acontecem no local a partir de minha experiência pessoal e familiar. Para produção de informações para a pesquisa fiz o uso do que chamamos de “conversas de memórias”. Através das memórias apresentadas pelos sujeitos envolvidos conheci melhor a organização e diferentes nuances dos festejos juninos, permitindo uma reelaboração da minha própria percepção sobre a festa.

Este trabalho está organizado em forma de cartas com diferentes direcionamentos: Carta aberta, na qual trago meu memorial contando minha trajetória de vida e educação até o momento atual; Carta à Academia, que conta com revisão bibliográfica, trazendo suporte teórico e metodológico para essa pesquisa; e as Cartas para meu filho Miguel, nas quais conto sobre a comunidade, sobre as festas juninas e sobre as histórias contadas pelo meu avô e minha mãe sobre os festejos juninos. Por fim, finalizo com uma Carta às Novas Gerações, na qual apresento minhas considerações sobre a pesquisa.

CARTA À ACADEMIA

Rio Pardo de Minas, 12 de maio de 2023.

Prezados representantes do mundo acadêmico,

Escrevo esta carta a vocês para apresentar a construção do referencial teórico e metodológico que foi utilizado para sustentar as análises que realizei. A partir do conceito de *cultura(s) popular(es)*, dialogo com trabalhos acadêmicos (artigos, capítulos de livros e trabalhos de conclusão de curso) que discorrem sobre as festas juninas no Brasil, com ênfase na descrição dessa prática cultural; sobre a comunidade de Bonfim, Rio Pardo de Minas – Minas Gerais, e sobre as contribuições das memórias como fonte para pesquisas.

Sobre o conceito de cultura(s) popular(es) e o papel das festas

Por ter identificado que as festas juninas, em Bonfim, caracterizam a comunidade, entendo que elas fazem parte da *cultura popular* do Bonfim, assim como, da *cultura popular* brasileira. Então, considero necessário discutir o conceito de *cultura(s) popular(es)* e, assim, compreender as festividades juninas como parte da cultura e uma tradição que contribui para o fortalecimento da comunidade.

Burke (2010 *apud* COSTA, 2015, n.p.) afirma que todo modelo de cultura tende a contribuir com os saberes existentes, assim, não cabe separar os diferentes tipos de culturas e sim, fazer o uso dessas heranças culturais, conectando e não separando os diferentes modelos de manifestações culturais.

É importante observar que o *popular*, que se refere a saberes, não tem relação com o popular industrial, uma vez que o saber cultural popular tende a permanecer nos grupos através da preservação dos saberes construídos por esses. O popular industrial, por sua vez, é produzido visando o lucro e é encerrado em um curto espaço de tempo, pois esse popular não gera o mesmo sentimento de pertencimento que o saber cultural. A autora Costa (2015), diferencia esses dois tipos de popular dizendo:

O popular atribuído aos segmentos sociais não afetados pelo cosmopolitismo das elites e pautados na preservação das tradições repousa sobre a permanência das expressões culturais, memória e testemunho de uma identidade cultural. Já o popular produzido pela indústria cultural padece de uma rápida obsolescência, privilegiando sempre o novo. (COSTA, 2015, n.p.).

A autora Costa (2015), ainda, traz uma importante informação dizendo que pela abrangência de símbolos e saberes do que pode ser considerado cultura popular, ela traz esse conceito no plural, incorporando ao conceito uma maior diversidade de ações que pode fazer parte das *cultura(s) popular(es)*; são essas as palavras que a autora usa para fazer esses apontamentos:

Diante das transformações nas concepções da cultura popular, que tangenciam folclore, cultura oral, cultura tradicional e cultura de massa, o emprego da expressão no plural – culturas populares – talvez consiga mais facilmente percebê-la como práticas sociais e processos comunicativos híbridos e complexos que promovem a integração de múltiplos sistemas simbólicos de diversas procedências. (COSTA, 2015, n.p.).

Após as importantes contribuições de Costa (2015) é possível dizer que as festas juninas se inserem nas *cultura(s) popular(es)*, portanto, esse texto me incentiva a dar prosseguimento nessa pesquisa, no sentido de que através dos registros dos festejos contribuirei para a preservação dessa importante forma de manifestação cultural.

Ainda, a partir de discussões em torno do conceito de *cultura popular*, Catenacci (2001), no artigo nomeado *Cultura popular: entre a tradição e a transformação*, discute uma importante questão para a minha pesquisa: o dilema entre a preservação e as transformações das tradições no transcorrer do tempo.

Para a autora, ao longo do século XIX, em plena modernização capitalista, decorrente do desenvolvimento técnico-científico ocorreram, por um lado transformações profundas na sociedade, tais como: a crença na ciência e no capital, a aceleração do ritmo de vida das pessoas, a valorização da vida na cidade em detrimento da vida no campo, e, por outro, cria-se o termo *folklore – folk* (povo), *lore* (saber), como um movimento de identificação de saberes nas tradições populares (CATENACCI, 2001). Ainda nas palavras da autora:

Visto que as transformações que ocorreram na organização social, nos modos de produção e conseqüentemente nas formas de circulação do capital nesse período [...], eram permeadas pelo fugidio, pelo transitório e pelo impessoal, que espaço teria a tradição neste contexto? Essa foi uma das grandes questões colocadas aos intelectuais europeus e aos brasileiros que iniciaram os estudos sobre o folclore no final do século XIX. Porém, no caso do Brasil, os intelectuais se viram diante de uma outra pergunta, diretamente ligada à questão da identidade nacional: “quem somos, afinal?” (CATENACCI, 2001, p. 29).

Nesse contexto de transformação, a busca de um meio para afirmar a identidade nacional motivou um processo de identificação, de descrição e de defesa de práticas culturais populares, identificadas, como “manifestações folclóricas” (CATENACCI,

2001, p. 30). Para se afirmar a identidade nacional, portanto, entende-se a importância de produzir meios de continuação das atividades culturais para identificação dos povos, afinal somos uma nação que possui diversidades necessárias de serem promovidas e visibilizadas, uma vez que fazem parte da nossa história e constroem o cotidiano do país.

Ou seja, valorizar a tradição como aquilo que perdura, que permanece ao longo do tempo, contraria o desejo de transformação e incorporação desenfreada propostos pela sociedade de massas capitalista, para a qual “o que importa é o popular enquanto popularidade”, como “o que vende, o que agrada multidões e não o que é criado pelo povo” (CATENACCI, 2001, p. 32). Contudo, Canclini (1989 *apud* CATENACCI, 2001) descreve a importância das transformações e as tradições se complementarem ao invés de se excluírem, uma vez que é inevitável as mudanças temporais e os avanços que mudam a organização das coisas por facilitarem os processos:

Estudos mais recentes que abordam a questão da cultura popular apontam, entretanto, novas respostas para esse confronto, afirmando que é preciso pensar em tradição e transformação como complementares entre si e não excludentes. Pois o termo tradição não implica, necessariamente, uma recusa à mudança, da mesma forma que a modernização não exige a extinção das tradições e, portanto, os grupos tradicionais não têm como destino ficar de fora da modernidade (CANCLINI, 1989, p. 239 *apud* CATENACCI, 2001, p. 35).

As festas juninas do Bonfim fazem parte das culturas populares, são práticas sociais da comunidade que tem organização particular, podendo variar e se transformar ao longo do tempo. Elas são, para a comunidade, um saber que deve ser preservado. Assim, a partir da discussão sobre o conceito de cultura(s) popular(es) apresentada pela autora Costa (2015), posso dizer que as festas juninas são atividades que acontecem há anos na minha comunidade, assim, os festejos juninos são uma *cultura* da comunidade que necessita, assim como outras, de uma maior valorização. Podemos dizer que uma prática cultural, como a das festas juninas, é a reafirmação de valores e princípios, portanto, ao realizar as festas juninas na minha comunidade também ocorre essa reafirmação. Pelo exposto, esses festejos são importantes, pois contribuem para a identidade e pertencimento das pessoas em relação à comunidade.

Lima (2005) no artigo intitulado *Por que uma convenção sobre a proteção da diversidade cultural?*, apresenta argumentos que me levam a considerar a necessidade da sociedade civil refletir sobre a diversidade cultural, uma vez que ela é entendida como a essência da nacionalidade brasileira. Segundo esse autor:

O drama planetário que vivemos não é justamente esse, o da negação freqüente da identidade própria, ou até *da genealogia fundadora do povo ou da nação* - reforçada pelas exclusões sociais ou econômicas ambientes - diante de uma cultura de massa frequentemente exógena, que aniquila todos os referenciais familiares com seus baixos preços, sua atração ou talento de evasão? Culturas

"dignas" mas pobres, com efeito, perdem todo o seu auto-respeito e dignidade emblemática nos grotões rurais esquecidos ou nas favelas urbanas – onde aliás a mídia e o sonho de consumo global nunca estão ausentes. O palpável empobrecimento das culturas, neste contexto – o de culturas ricas de tradição, mas vulneráveis por sua falta de recursos – não é, portanto, uma denúncia vazia. As pessoas desaprendem tudo, até a sobreviver com dignidade. A marginalização e a exclusão, que leva à perda da própria identidade, é hoje um problema social global grave e o principal motor da violência, gerando o suicídio ou o crime. (LIMA, 2005, p.447-454).

Com base no texto de Lima (2005), considero relevante pensar sobre a preservação da identidade cultural, ou melhor, das identidades culturais, em contraponto à cultura da globalização que tende a homogeneizar a sociedade, massificando e expandindo valores culturais neoliberais. Pensar nessas identidades, significa, a meu ver, investigar as práticas culturais, tradições populares que garantiam, e, em alguns casos, como as festas juninas da comunidade de Bonfim, ainda garantem elos sociais entre as pessoas contribuindo para a construção de laços comunitários e, também, para o sentimento de pertencimento à uma comunidade entre as pessoas. Nesse sentido, as festas tradicionais, assim como outros elementos culturais de comunidades que compõem nossa sociedade, devem ser investigadas de forma que, embora se transformem ao longo dos anos, sejam preservadas.

A partir do diálogo com os autores citados nas passagens anteriores, e também com os que citarei em outras passagens desta carta, as festividades juninas da comunidade Bonfim devem ser descritas como parte da história que integra as culturas do nosso país. Assim, dando a devida importância a tradições culturais que vivenciamos em nosso meio. As festividades juninas da comunidade de Bonfim, as quais ocorrem no mês de junho, englobam tanto celebrações em homenagem a santos católicos, mais especificamente São João, quanto outras práticas sociais que fazem dos festejos uma tradição cultural da/na comunidade.

Outra festa, também ligada a religião Católica, realizada por comunidades do município de Rio Pardo de Minas – MG, é a festa de São Sebastião⁵. Essa festa foi abordada no Trabalho de Conclusão de Curso de Dias (2019), intitulado *As mulheres na Festa de São Sebastião: um estudo sobre a construção de laços comunitários na comunidade de Boa Vista*,⁶ que teve como pergunta de investigação: Qual a importância das mulheres na festa de São Sebastião e na construção de laços comunitários da comunidade Boa Vista?

⁵Essa festa ocorre no mês de janeiro, uma vez que, de acordo com a religião Católica, no dia 20 desse mês comemora-se o dia desse santo.

⁶Boa Vista, assim como Bonfim, é uma comunidade rural que pertence ao município de Rio Pardo de Minas, Minas Gerais.

A pesquisa realizada por Dias (2019), além de contribuir para a abordagem da história de Rio Pardo de Minas em minha pesquisa, ao analisar a festa de São Sebastião, me fez considerar que as festas juninas também contribuem para construir e/ou reforçar laços comunitários entre os bonfinenses, assim como a festa de São Sebastião contribui para construção desses laços na comunidade Boa Vista. Segundo Dias (2019), para Durkheim (1989),

Ora, só o fato da aglomeração já age como excitante excepcionalmente poderoso. Uma vez que os indivíduos estão reunidos, emana da sua aproximação uma espécie de eletricidade que os conduz rapidamente a grau extraordinário de exaltação. Cada sentimento expresso vem ecoar, sem resistência, em todas essas consciências largamente abertas às impressões exteriores: cada uma delas serve de eco às outras. (DURKHEIM, 1989, p. 270 *apud* DIAS, 2019, p.30).

Na passagem descrita acima, é ressaltada a importância da festa para reafirmação de princípios, valores, laços de parentescos e comunitários, exercendo também uma função social, trazendo para a comunidade sentidos, não apenas nas ações religiosas, mas na própria existência dos sujeitos. Sendo assim:

(...) a festa de São Sebastião exerce uma força simbólica na comunidade de Boa Vista, além de reafirmar princípios, valores de laços de parentescos e comunitários. Ela exerce também uma função social trazendo para a comunidade sentido não apenas com relação às práticas religiosas, mas a própria existência dos sujeitos. Assim sendo, a religião não se resume apenas aos ritos realizados, mas também atua como uma forma de inserção do indivíduo na comunidade (DIAS, 2019, p. 46).

Além disso, Dias (2019, p. 27), ao analisar as reflexões de Woodward (2000), afirma que, para essa autora, “se quisermos compreender os significados partilhados que caracterizam os diferentes aspectos da vida social, temos que examinar como eles são classificados simbolicamente”. Nesse sentido,

[...] o pão que é comido em casa é visto simplesmente como um elemento da vida cotidiana, mas, quando especialmente preparado e partido na mesa da comunhão, torna-se sagrado, podendo simbolizar o corpo de Cristo. A vida social em geral, argumentava Durkheim, é estruturada por essas tensões entre o sagrado e o profano e é por meio de rituais como, por exemplo, as reuniões coletivas dos movimentos religiosos ou as refeições em comum, que o sentido é produzido. É nesses momentos que ideias e valores são cognitivamente apropriados pelos indivíduos (WOODWARD, 2000, p.26 *apud* DIAS, 2019, p. 27).

As especificidades dos grupos sociais fazem com que as suas características sejam únicas e de grande importância para aquele grupo, para produzir sentido é necessário estar

inserido em atividades compartilhadas por esses grupos, portanto as crenças são reafirmadas nessas práticas e seus valores são renovados a cada partilha.

Dias (2019) afirma, ainda, a importância da festa para reafirmação de princípios, valores, laços de parentescos e comunitários, exercendo também uma função social, trazendo para a comunidade sentidos, não apenas nas ações religiosas, mas para a própria existência dos sujeitos. Além disso, reafirma a importância das mulheres na e para que a festa de São Sebastião aconteça. Percebo que as festas juninas trazem essa mesma construção de significados, tanto no que diz respeito à religião quanto na construção de significados na vida dos moradores, pois as festas têm essa função de unir os participantes em momentos e socializações e homenagem a São João.

Memória, autoetnografia e a escrita de cartas

Para pesquisar e refletir sobre as festas juninas na comunidade Bonfim, trago como fonte principal minha memória e as memórias de meus familiares sobre as festas. Assim, a partir das percepções e de conversas de lembranças, construo uma narrativa acerca do festejo junino em minha comunidade tomando por base minha experiência familiar.

Mais do que passado, a memória está associada a sentimentos. Ao relembrar momentos importantes vivenciados há a produção de novas sensações. Nesse sentido,

O ato de lembrar, afirma Halbwachs, não é esse caráter de lembrança, de sonho, de reviver um momento passado, mas de refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje as experiências do passado (DORES,1999, p. 116).

A memória é variável, cada vez que se conta uma história pode-se relembrar detalhes que não haviam sido ditos anteriormente. A lembrança está ligada a momentos, portanto, uma mesma história contada por diversas vezes terá detalhes diferentes. Então, é importante que as memórias sejam estimuladas quando contadas. De acordo com Dores (1999, p. 117):

Relembrar não é recuperar o passado na sua inteireza, na sua pureza e totalidade, como pensava Bergson. Mas refazer, a partir de idéias e valores de hoje, parte desse passado, pois a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado ou registrado. 'Fica o que significa, o que representa' (Pollak, 1992, p. 203), e não do mesmo modo, mas levando em consideração as experiências adquiridas pelas pessoas, passados alguns anos.

A memória, portanto, é seletiva. E essa seletividade é um reforço para que o pesquisador, no caso a pesquisadora, (se) faça diferentes questionamentos, pois as diferentes relações feitas acerca de fatos do passado podem trazer percepções distintas acerca do assunto tratado.

Dores (1999) destaca uma importante fala de Pollak em seu livro sobre o conceito de memória. Pollak (1992 *apud* DORES, 1999), traz a memória como um ato individual, tendo seus significados relacionados com o que nós somos. Nesse sentido, a memória de um pode, perfeitamente, diferenciar-se da de outros, pois temos representações diferentes uns dos outros:

Para Pollak, ao reconstruirmos o passado, o fazemos a partir da imagem que se têm de si, para si e para os outros, pois, quando recordamos, elaboramos uma representação de nós mesmos e para aqueles que nos rodeiam. Fato que requer um sentido de coerência, de unicidade e de continuidade de uma pessoa ou de um grupo social, na reconstrução de si. (DORES, 1999, p.118).

Ainda nas palavras de Pollak (1992 *apud* DORES, 1999), a memória pode gerar conflitos, uma vez que cada um seleciona uma opinião sobre um determinado assunto. Para Pollak (1992 *apud* DORES, 1999, p. 118):

O ato de lembrar, diz Pollak, é conflitivo, sobretudo quando se vai recuperar a memória política, a memória de um grupo social, em que entra em questão o que deve ser lembrado, de que forma e como deve ser registrado, já que há uma disputa de memórias, uma disputa por uma determinada versão do fato, o que implica ter um certo posicionamento político diante deles e do momento atual, sedimentando assim, a própria identidade do grupo e dos indivíduos.

Por tanto, as memórias descrevem mais que momentos, descrevem as percepções desses momentos, as quais podem ser diferentes para cada ser humano e variar com o passar do tempo. Por essa razão, cada versão acerca de um fato ou acontecimento rememorado é importante para demonstrar a visão de cada sujeito, social e histórico, acerca do assunto tratado.⁷

As memórias sobre a participação da minha família na festa me ajudaram a entender a relação da minha comunidade com os festejos, como era a percepção em outros períodos e como os festejos estão sendo pensados atualmente. Essa descrição é importante para que eu possa entender como tem acontecido as transformações dos festejos juninos da minha comunidade assim como ressaltar a importância social dessa prática cultural.

Essa investigação, que objetivou compreender as relações dos sujeitos da

⁷ O sujeito que rememora, é um sujeito social e histórico. O que ele rememora, pensando em uma (re)construção interpretativa do passado a partir do presente, será influenciado pelo contexto social e temporal em que esse sujeito vive.

comunidade Bonfim com as festividades juninas se baseou na estratégia de pesquisa da autoetnografia, com a qual, através de minhas observações e vivências nos festejos juninos, bem como de familiares próximos, pude traçar um diálogo com as questões que foram apresentadas nessa pesquisa.

Autoetnografia é uma combinação de elementos da etnografia e da autobiografia. O pesquisador é narrador de histórias vivenciadas por si, fazendo relatos de uma experiência, selecionando momentos que ficaram marcados em sua vida. Assim, o narrador traz, para a pesquisa, a experiência que marcou suas vivências como indivíduo. A partir da percepção desse indivíduo é construído um contexto que aproxima o leitor dos momentos vividos de forma que, a partir de um acontecimento pessoal ele possa entender toda uma questão cultural, revelando assim, um problema social através da experiência de um ou mais indivíduos. Portanto, a autoetnografia é um modelo de investigação, no qual se faz possível trazer outras pessoas que também compartilharam dos mesmos momentos para compreender como estes interpretam suas vivências e questões trabalhadas na pesquisa.

De acordo com Maia e Batista (2020, p. 241) para pesquisar através da autoetnografia o pesquisador deve fazer o uso de diferentes formas de investigação que são comuns na etnografia "tais como entrevistas, registros visuais, observações etnográficas de interações, comportamentos, disposições espaciais, modos de falar e de vestir, dentre outros". Para tanto, é importante estar atento a uma diversidade de aspectos quando fazemos uma pesquisa etnográfica, pois pequenas ações fazem parte da construção das questões que podem ser relevantes à pesquisa.

Ainda segundo Maia e Batista (2022, p. 242) "não existe apenas uma forma do uso da autoetnografia, mas uma diversidade delas, desde relatos de grupos de conflito político, construído de forma pessoal ou coletiva, análises de traumas pessoais, a reflexão sobre o método e processo de qualquer pesquisa etnográfica mais ampla". A pesquisa etnográfica traz essa diversidade de meios para ser trabalhada. No caso dos festejos juninos, fiz o uso não só da minha experiência, mas contei com a participação de familiares que trouxeram suas percepções nas vivências desses festejos, apresentando reflexões sobre suas vivências. As autoras também ressaltam a importância de se analisar os dados produzidos a partir da autoetnografia em diálogo com outros pesquisadores do campo de estudos. Para tanto, trabalho nessa pesquisa em diálogo com outros autores que debatem sobre o mesmo tema, buscando investigar práticas culturais em diversos meios.

De acordo com Maia e Batista (2022, p. 241) a definição de autoetnografia nas palavras de Carolyn Ellis, Tony E. Adams e Arthur P. Bochner em "Autoetnografia: um

panorama” é: “uma análise de experiências pessoais que objetivam o entendimento de uma determinada experiência cultural”. Assim, os autores apresentam a autoetnografia como uma análise de experiências próprias, o que consiste em entender as próprias experiências em determinada prática, no caso dos festejos juninos, apresento a minha participação e de familiares, problematizando a preservação da cultura dessas festas. Os autores ainda dizem: “A autoetnografia tem a autorreflexão como elemento básico no estudo de grupos sociais em que o pesquisador faz parte de seu próprio objeto e universo de pesquisa.” (MAIA e BATISTA, 2022, p. 241). Assim, trouxe minhas vivências como objeto dessa pesquisa e também experiências de familiares próximos para desenvolver esse trabalho.

Então, o uso da autoetnografia me proporcionou a exposição de opiniões e inquietações sobre o tema trabalhado, me tornando escritora e narradora de uma história que vivenciei desde a infância e vivencio atualmente, me fazendo expor minha propriedade sobre o assunto. Assim, as narrativas feitas nesse trabalho servem de reflexão sobre uma questão de grande importância cultural, não só para o povo bonfinense, mas para todos os grupos que são ligados através de tradições culturais.

Para essa pesquisa, fiz o uso portanto de uma metodologia qualitativa, que “trabalha com o universo de significados, motivos, crenças e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p. 21-22).

Eu e minha família temos uma relação muito próxima com as festas juninas, o que perpassa algumas gerações. Assim, para a produção de informações para a pesquisa, além de evocar minhas próprias memórias sobre as festas juninas, realizei o que estamos chamando aqui de “conversas de lembranças” com meu avô, minha mãe e uma amiga de infância. Maria da Conceição, minha mãe, participante da festa desde a juventude, hoje, tem 59 anos e viu as variações que aconteceram nesse evento desde a sua juventude até o momento atual; Jovino Barbosa de Sousa, meu avô, foi um grande festeiro desde a sua juventude. Hoje, ele está com quase 90 anos e acende apenas a fogueira em homenagem a São Pedro. Também tive uma conversa com Ana Laura, amiga de infância, hoje com 24 anos, que ajudou na construção das percepções e lembranças da festa.

As conversas de lembranças foram feitas com um roteiro prévio para uma melhor direção dos pontos a serem evocados durante os diálogos. Foi explicada a finalidade da conversa e negociado o consentimento de cada participante que colaborou com a pesquisa. As conversas foram gravadas e, posteriormente, transcritas, tendo seguido os seguintes pontos: caracterização dos entrevistados, para conhecer mais sobre

eles e a relação dos participantes com os festejos juninos; a descrição dos festejos a partir das vivências dessas pessoas e, logo em seguida, trouxe algumas questões sobre a percepção dessas pessoas acerca da continuidade dos festejos.

Através dessas questões pude entender um pouco sobre a percepção de cada um sobre o tema investigado. Esse processo de investigação não foi fácil, pois, fiz algumas tentativas nas quais não obtive sucesso. A minha mãe, por ser mais tímida, não conseguiu se expressar inicialmente, senti que o gravador a inibiu de forma que não consegui os resultados esperados. Para deixá-la mais confortável, iniciei a conversa em um dia de maior tranquilidade, aproveitei uma manhã mais calma e fiz as perguntas de forma que não a sufocasse, fazendo grandes pausas no uso do gravador para que ela se sentisse à vontade em conversar mais sobre o assunto. Com os outros participantes foi mais tranquilo, já que eles são mais falantes e não sentem vergonha de se expressar.

À medida que fui conversando com essas pessoas, foi reafirmando a importância de ter essas vivências dos festejos descritas em um documento, já que, à medida que os participantes tinham idades mais elevadas trouxeram consigo bagagem ricas em conhecimentos sobre os festejos que eu mesma não havia conhecido até o dia em questão. Para que essas memórias não se percam, esse trabalho fará um papel de memorial. Direcionei, através de cartas ao meu filho, o Miguel, que está em meu ventre enquanto escrevo, pois, considero muito importante que ele e as próximas gerações conheçam as histórias que ouvi de meu avô, da minha mãe e de tantas outras pessoas no decorrer da vida. As minhas vivências certamente serão novas para o meu filho Miguel, pois entre as gerações ocorrem transformações, portanto a escrita de cartas contando essas histórias cumprirá esse papel não apenas para o meu filho, mas para tantas outras pessoas que tiverem acesso a esse trabalho.

Ao lançar mão da escrita de cartas, me senti convidada a expor meus sentimentos sobre o tema e ainda muito emocionada por estar direcionando ao meu filho, a pessoa para quem tenho vontade de transmitir reflexões sobre a história que o antecedeu. A proposta de escrita partiu de minhas orientadoras, aceitar a proposta foi uma questão de honra, já que estarei transmitindo conhecimentos que considero muito importantes para minha comunidade que faz parte das riquezas do Brasil, a partir de meu envolvimento com o assunto em questão.

Fazer essa pesquisa, por meio das escolhas teórico-metodológicas adotadas, me proporcionou conhecer histórias que até então não havia conhecido, as falas da minha mãe e do meu avô são falas que contém emoção, são contadas suas vivências de uma forma que me emocionou. Deixar o lugar de filha e neta não foi fácil, pois é difícil segurar

os sentimentos e emoções que são colocadas nessas conversas, por ser algo que faz parte da minha história. Partir da autoetnografia foi o melhor caminho a ser seguido, pois eu me guiei pelas minhas experiências junto com as vivências dos participantes dessa conversa e em diálogo com autores e autoras que investigaram outras festas e festas juninas em outros tempos e lugares.

A partir das conversas, fui percebendo os festejos como um movimento que gerava e ainda gera muita união nos moradores, senti que ocorreram mudanças, mas que essas não interferiram na real causa da realização dos festejos. Assim, no decorrer desse trabalho trouxe reflexões sobre meus próprios sentimentos em relação às festas que são realizadas na comunidade Bonfim.

CARTAS A MIGUEL

PRIMEIRA CARTA: A COMUNIDADE

Rio Pardo de Minas, 12 de maio de 2023.

Miguel,

Quero nessa carta lhe contar sobre a comunidade Bonfim, lugar onde fui criada, mas para isso lhe apresento inicialmente Rio Pardo de Minas que é o município onde a comunidade está situada. O município de Rio Pardo de Minas está localizado no norte de Minas Gerais, microrregião de Salinas. A vila de Rio Pardo teve sua criação no dia 13 de outubro de 1831 e foi emancipada politicamente em 15 de julho de 1872. Segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o início da povoação da região começou com a mineração de ouro e diamantes praticada por portugueses, nas serras do atual distrito de Serra Nova, que hoje é preservado por suas belezas naturais, sendo um importante ponto turístico da região. Rio Pardo recebeu essa denominação por causa do rio que banha a cidade, o qual tem águas na coloração parda e barrenta. Ainda segundo o IBGE cidades, a população estimada do município em 2021 é de 31.171 habitantes sendo que 38,3% residem na área urbana e 61,7% na área rural, portanto, a cidade tem a população predominante rural.

A pesquisa de Ângela Rodrigues Dias (2019) egressa da Lecampo conta um pouco sobre a história do município de Rio Pardo de Minas, sendo que a autora traz marcos importantes na trajetória do município. Para fazer a apresentação, Dias (2019) utiliza o texto de Dário Teixeira Cotrim, nomeado “Ensaio histórico do distrito de Serra Nova: município de Rio Pardo de Minas”, publicado em 2000. Sobre a história de Rio Pardo de Minas, Dias (2019) relata que:

O município passou por algumas alterações nominais: Rio das Ourinas, pela aparência das águas ser semelhante ao líquido secretado pelos rins (urina); pelo fato de ter em seu território o Rio Preto e o Rio Pardo, posteriormente ficou conhecido por esses nomes. A cidade pertencia ao município de Minas Novas quando ainda recebia o título de arraial por nome Rio Pardo, posteriormente houve a separação e “*em 1831, uma lei da assembleia geral lhe concedeu (sic) a final o título e honras de villa (sic), com o nome de Rio-Pardo*” (J. O. R.

Milliet 1845, apud Cotrim 2000)” (DIAS, 2019, p. 14).

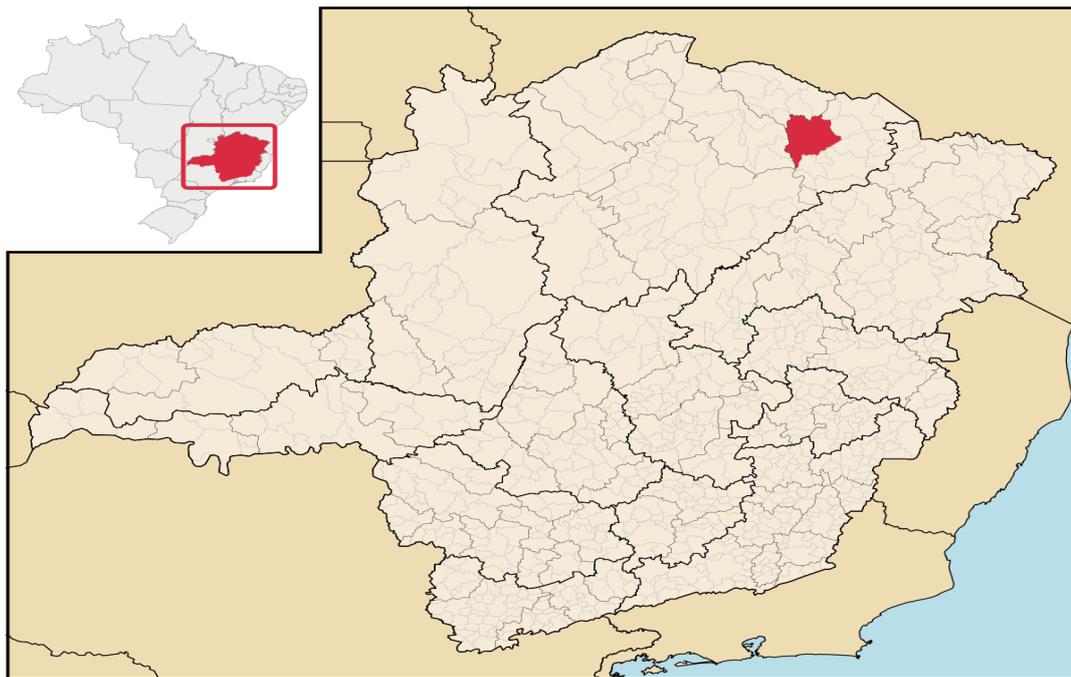
Para Dias (2019), Cotrim (2000 *apud* DIAS, 2019) registra uma versão eurocêntrica da história do município, “marcada pela exaltação de documentos oficiais”, assim, a autora relata a necessidade da história ser contada sob olhares de grupos que foram silenciados no decorrer da história. Assim diz Dias (2019, p.15), “a história de Rio Pardo de Minas precisa ser contada sob outra perspectiva, com levantamento de documentos que registrem os olhares de grupos que foram historicamente silenciados: indígenas, mulheres e população campesina”. Existe a necessidade desses apontamentos de participantes que fizeram parte da história de construção do atual município de Rio Pardo de Minas e que foram silenciados por algum motivo, a percepção desses sujeitos poderá contribuir para uma comparação com documentos oficiais e também para exaltar os grupos que fizeram ou fazem parte da construção do município, também para que sejam possibilitadas outras histórias sobre o município, histórias que contemplem os diversos sujeitos da localidade, e não somente aqueles provenientes de grupos privilegiados.

Como menciono no início desta carta, o município de Rio Pardo de Minas tem a maior parte de sua população camponesa, residentes no campo. No município, destaca-se a produção de mandioca como principal meio de cultivo, dando à cidade o título de terra do polvilho. Segundo informações do projeto SanBas/UFMG⁸, o território se organiza da seguinte maneira: “formados pelos distritos Sede, Serra Nova e Nova Aurora, pelos povoados de Bonfim e Natanael e por mais 117 comunidades na área rural” (SanBas, 2022), portanto o município tem a maior parte da sua população residindo no campo.

Em seguida, na Fig. 1, apresento a localização do município de Rio Pardo de Minas – MG – para que você tenha conhecimento da dimensão desse território.

Figura 1: Localização geográfica do município de Rio Pardo de Minas, Minas Gerais.

⁸ As informações são do projeto Sanbas, um projeto que envolve a capacitação e elaboração de trinta planos municipais de saneamento básico em municípios com população de até cinquenta mil habitantes do estado de Minas Gerais. Trata-se de uma pesquisa-ação do campo tecnológico do controle social da comunicação e do empoderamento das políticas públicas de saneamento básico. Esse projeto é uma parceria entre a Universidade Federal de Minas Gerais, a Fundação Nacional de Saúde e os municípios atendidos. Essas informações estão disponíveis em: <https://sanbas.eng.ufmg.br/rio-pardo-de-minas-mg/>. Acesso em: 03/11/2022.



Fonte: Imagem retirada da internet, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Pardo_de_Minas. Acesso em 13/10/2022.

Agora que você já conhece o município, quero te contar sobre a comunidade em que eu fui criada e provavelmente você também será.

A comunidade Bonfim, fica localizada na zona rural de Rio Pardo de Minas com aproximadamente 30 quilômetros de distância. Segundo o projeto SanBas/UFMG (2021), o local tem aproximadamente 400 moradores e 180 casas. A comunidade está dividida em três partes principais:

1. *Vila*, essa é a parte que abriga a maior parcela dos moradores, local onde as casas são construídas lado a lado, similar a construções urbanas. Na vila, há as escolas, sendo uma estadual e outra municipal, você certamente estudará nessas escolas. Na vila também tem uma Igreja Evangélica que foi feita recentemente, um mercadinho onde as famílias fazem compras e botecos onde geralmente os homens se encontram nos fins de tarde e fim de semana, espero que você não tenha interesse em fazer parte dos grupinhos de boteco, quero te conduzir para outros caminhos meu filho.

2. *Cafundó* é a parte que as casas são bem distantes, o lugar onde moramos e confesso que tenho minhas preferências em relação a vila, pois é tranquilo e mais afastado do barulho. Atualmente, tem cerca de três famílias que moram nessa parte, houve uma diminuição quanto ao número de moradores pela dificuldade de acesso ao mercado, à escola e também por ter risco de assaltos devido à distância entre os moradores, mas como

já estamos acostumados com a tranquilidade preferimos ter nossa casinha mais afastada.

3. *Pimentel* é a parte onde fica a igreja e o cemitério. Nela, há uma distância média entre as casas. É uma parte muito frequentada pela comunidade, pois é onde está a Igreja Católica, nessa parte a gente frequenta mais aos domingos, aqui, você irá comigo nas missas, cultos e adorações. Tenho certeza que vai gostar, é um lugar muito aprazível e muito acolhedor.

O povoado de Bonfim, apesar de ser mais afastado das outras comunidades, promove ações de interação entre elas. As comunidades vizinhas são: São Camilo, Santa Rita, Santa Edwrigens/Bonfim II, Mestiça, Pintado e Brejinho. São comunidades que se ajudam entre si, quando necessário: são feitos bingos, leilões, rifas e outros eventos beneficentes para quem esteja enfrentando dificuldades financeiras ou tratamentos de saúde. Além desses eventos, também acontecem movimentos para socialização e diversão dos moradores. Não posso dizer que não existam conflitos, pois muitas vezes acontecem brigas por bebedeiras ou puramente por divergências entre as pessoas. Há quem chame o povo bonfinense de “encrenqueiros”, uma vez que sempre acontece algum conflito nessas socializações, mas creio que isso faz parte dos aprendizados que adquirimos através das convivências no decorrer da vida. Apesar dos conflitos, permanecemos unidos, ajudando uns aos outros.

Meu filho Miguel, o Bonfim tem características que o tornam um lugar diferente dos demais. Como disse acima, o povo não tem o hábito de levar desaforos para casa, entretanto, temos valores que vivenciamos em nossas ações, como: solidariedade, humildade, honestidade e lealdade. São esses valores que quero que você herde na participação na comunidade. Dentre essas características, algo que nos diferencia e causa estranhamento nas pessoas, é o vocabulário. Temos um modo de fala específico, como diz Andreia Sousa, minha irmã, sua tia, em sua monografia: “A maioria dos moradores tem falas típicas de seus antepassados que permanecem até os dias atuais na comunidade” (SOUSA, 2022, p. 24). O modo de falar causa certo estranhamento e, muitas vezes, por ser diferente as pessoas param para nos ouvir sem percebermos. Esse vocabulário, como relata a autora, sua tia, é algo cultural, que está presente em diferentes gerações na minha comunidade (SOUSA, 2022). Cabe colocar exemplos para que você possa entender melhor: “*canxeba*” é uma forma de estranhar algo, “*prufê*” é o mesmo que perceber algo. Esses são exemplos apenas para caracterização, mas que usamos com frequência no nosso cotidiano.

A religião é uma das mais fortes características do povo. Tendo como padroeiro o Senhor do Bonfim, todos os anos, no mês de julho, é realizada uma novena em

homenagem ao santo. Outro evento importante são as romarias para Bom Jesus da Lapa, uma cidade localizada no estado da Bahia. Todos os anos, entre os meses de setembro e outubro acontece esse movimento de fé e diversão. É comum a realização semanal da reza do terço na comunidade, realizada na terça-feira nas casas das famílias, seguindo a ordem das casas, exceto as famílias evangélicas que compõem a comunidade. Aos sábados, acontece o ofício de Nossa Senhora que é uma oração cantada em conjunto com a comunidade - o momento também acontece nas casas dos moradores.

O povo bonfinense é um povo festeiro que participa de atividades religiosas com muita alegria, gerando diversão entre os participantes. Assim, também acontece nas festividades juninas no mês de junho, que também são formas de expressar os valores que carregamos conosco. Apresento abaixo, na Fig. 2, a localização de Bonfim para que você conheça o território de outra forma.

Figura 2: Fazenda Bonfim – localização da comunidade Bonfim.



Fonte: Imagem retirada da internet, disponível em: <https://g.co/kgs/UkcsbA>. Acesso em 12/11/2022.

Miguel, essa descrição é uma maneira de apresentar a forma que enxergo a comunidade, mas em breve você nascerá e verá tudo isso com seus próprios olhinhos. Ainda vivenciará um mundo de sensações na comunidade, conhecerá a emoção de pisar na terra molhada em dias de chuva, subirá em árvores, vai se machucar ao atravessar as cercas e brincar com os animais. Certamente eu serei aquela mãe que morre de medo de permitir esse contato com receio que você se machuque. Mas a vida na roça tem suas surpresas, prometo que não deixarei que meu medo de mãe impeça que você consiga suas próprias marcas, aquelas que são geradas em momentos de diversão, de experimentação

do mundo. Prometo, ainda que lhe permitirei desfrutar o melhor da comunidade e cuidarei para que você herde da cultura local aquilo que te faça feliz e te impulsione a ser um homem de bem.

Falando em cultura, quero agora te contar um pouco sobre as festas juninas...

SEGUNDA CARTA: A FESTA

Rio Pardo de Minas, 12 de maio de 2023.

Meu amado Miguel,

As festas juninas, são momentos culturais muito ricos na comunidade Bonfim, acontecem no mês junho. Os festejos são iniciados com homenagem a Santo Antônio, conhecido como santo casamenteiro, que de acordo com a tradição popular, recebeu essa alcunha por gostar de juntar as pessoas quando em vida. Apesar de abrir as festas, em Bonfim não tem grande força as homenagens festivas a esse santo, sendo poucas famílias que festejam nessa data. Comemora-se no dia 13 de junho, por ser a data da sua morte.

As celebrações em homenagem a São João dão continuidade às festividades juninas. Para nós, católicos, ele é o santo que preparou o advento de Jesus, preparou os caminhos para a vinda de Cristo anunciando Jesus como cordeiro de Deus. Celebra-se no dia 24, por ser a data de seu nascimento. As fogueiras acesas na noite do dia 23 celebram a luz que São João veio anunciar, Jesus.

As festas de São Pedro ocorrem no dia 29, por ser a data de sua morte, o santo é um dos primeiros papas da Igreja Católica, sendo ele protetor das viúvas e dos pescadores. Por esse motivo as festas de São Pedro são feitas pelos viúvos, os quais deixam de fazer fogueiras em homenagem a São João e passam a homenagear esse outro santo. As noites de festejos em homenagem a São Pedro não têm a mesma força que em homenagem a São João, no entanto, segundo a tradição, no dia 29 do mês de junho, os festeiros, caso sejam viúvos, acendem fogueiras em homenagem ao santo. As festividades juninas, mais que uma festa, são movimentos de socialização entre os habitantes da comunidade de Bonfim e contam com a participação dos moradores para o acontecimento do evento, um momento de muita diversão e alegria compartilhado por seus participantes.

Recordo-me que, durante a minha infância, aconteciam grandes festejos na casa de algumas famílias, as quais tinham como tradição a realização da festa de São João, enquanto que, outra parte da comunidade de Bonfim, participava do momento do festejo levando leilões que contribuía para arcar com os custos da festa. Os leilões eram doações da comunidade, que eram arrematados no decorrer da festa pelos participantes residentes no Bonfim, como também de comunidades vizinhas. As festas contavam com

diversos momentos: a entrega da bandeira, a levantada da bandeira, a revelação dos ladrões, a reza do terço, a queima de fogos, o leilão e um animado forró. Dentre esses momentos também era servido café, chá, biscoito, chá de amendoim, quentão e alguns outros tipos de bebidas alcoólicas.

Um momento que gerava grande socialização entre as pessoas era a roubada de bandeira. Quem tinha interesse combinava dentro de sua família para roubar a bandeira levantada pelo dono da festa, e isso tinha que acontecer enquanto todos estavam presentes no festejo, e o mais importante é que ninguém além dos ladrões (assim eram chamados) sabiam quem havia realizado o roubo. Essa bandeira passava o ano todo escondida para ser entregue no próximo dia de São João, no ano seguinte. Os ladrões eram responsáveis pela festa e só eram descobertos no dia do grande festejo. Isso se repetia com todas as bandeiras levantadas.

Além do momento da roubada da bandeira, outro componente que integra os festejos é a queima das fogueiras, movimentos menores, nos quais as famílias acendem as fogueiras na noite do dia 23 de junho e convidam parentes e vizinhos próximos para celebrar. O mesmo se repete nas casas de outras famílias. Além de acender a fogueira, ocorre a reza do terço, a queima de fogos e a partilha de comidas e bebidas.

Miguel, essa forma de organização hoje em dia está um tanto mudada, mas acontece de forma que a homenagem ao santo prevaleça. Aconteceu a diminuição dos participantes e do número de festejos organizados, mas segundo conversas que tive com pessoas mais velhas isso se dá devido à redução das famílias numerosas que existem no lugar. Outro fator que diz muito sobre essa diminuição é o número de jovens que vai para a panha de café em Capetinga (MG), São Sebastião do Paraíso (MG), Franca (SP) e outras cidades onde tem grandes colheitas de café. As pessoas na sua maioria viajam em maio e retornam no mês de agosto, esses são indícios de fatores que causaram uma diminuição do movimento.

Hoje, ainda ocorre a realização dos festejos, claro que com algumas diferenças; comidas, bebidas, vestimentas, músicas. Tudo isso mudou por conta das transformações naturais que acontecem no decorrer da vida, provavelmente, na sua juventude estará ainda mais diferente, mas quero que você conheça as versões apresentadas pelo seu bisavô e pela sua avó nas próximas cartas.

Agora quero que você conheça sobre as minhas vivências nos festejos, e para contribuir com os momentos vivenciados por mim, parto de uma conversa com uma amiga de longa data que me fez lembrar momentos que ficaram marcados em nossa participação no festejo desde a infância.

Quando eu era criança, participava dos festejos, pois era levada pela minha mãe e ela sempre nos levava com ela para os lugares, principalmente quando a festa era realizada na casa da minha avó Eremita (*in memoriam*), recordo-me que enquanto a minha mãe estava ajudando no preparo dos biscoitos e bolos eu estava acompanhando minha avó ornamentar a bandeira. Adorava ver ela fazendo as flores de papel e ela me ensinando com as sobras que não ia mais usar. Quando tinha festa na casa do meu avô era o melhor dia do ano, pois, dormíamos e, ao acordar, as pessoas de fora haviam ido embora, mas a gente continuava a comemoração, pois era uma grande fartura de comida e bebidas.

A organização acontecia pelas mãos de mulheres e homens mais próximos da família. A minha mãe sempre participou da organização das festas. Eu, hoje, na minha juventude, não participo, assim como alguns jovens da minha idade. A participação acontece por aqueles que já estão inseridos na casa onde se realizará os festejos, portanto essa é uma diferença que me chama atenção no meu próprio contato com as festas. Assim a organização acontece dentro da família sem a participação dos vizinhos.

Considero que, na minha infância e por meio dos relatos contados pela minha mãe e outros moradores, esse momento de organização aproxima as pessoas, de forma que geram laços de amizade entre seus participantes.

Apesar de não existir esse mesmo engajamento na organização, mudanças ocorreram de forma perceptível. Na minha geração não acontece mais o engajamento dos participantes na organização, portanto, os estreitamentos de amizade acontecem na hora de realização da festa, pois o encontro entre a comunidade acontece nesse momento.

Miguel, as festas juninas são organizadas e têm aspectos diferentes em diversas regiões, mas todas produzem um significado para os moradores. Um exemplo que traz a autora Rangel (2008) é o compadrio que acontece em diversas regiões nas realizações dos festejos. O significado que tem essa ação pode mudar, no entanto é um dos aspectos importantes das festas que geram laços entre os participantes. Assim diz a autora:

As relações familiares eram complementadas pela instituição do compadrio, que servia para integrar outras pessoas à família, estreitando assim os laços entre vizinhos e entre patrões e empregados. Até mesmo os escravos podiam ser apadrinhados pelos senhores de terra. Havia duas formas principais de tornar-se compadre e comadre, padrinho e madrinha: uma era, e ainda é, pelo batismo; a outra, por meio da fogueira. Nas festas de São João, os homens, principalmente, formavam duplas de compadres de fogueira: ficavam um de cada lado da fogueira e deveriam pular as brasas dando-se as mãos em sentido cruzado. (RANGEL, 2008, p.22-23).

O compadrio é um aspecto que tinha grande força no Bonfim. Como diz a autora na passagem acima, é uma maneira de fortalecer os laços entre os vizinhos e amigos

aproximando as pessoas por uma relação que se deve muito respeito por ser uma consagração ao santo. Portanto, quem formava compadre ou apadrinhava alguém devia, a partir daquele momento, ter maior respeito pelo compadre e responsabilidades pelo afilhado, enquanto que esse último devia obrigação ao padrinho como se deve aos pais. Esse é um dos momentos que estão sendo deixados de lado pelos participantes das festas juninas de Bonfim. No entanto, quero deixar registrado, pois é um momento de muita fé e cumplicidade entre as pessoas, momento esse que eu participei e devoto muito respeito aos meus padrinhos de fogueira, assim como eles também me tratam como parte da família. O compadrio é a consagração a São João, realizado no ato de pular a fogueira, consagrando ao santo. De todo o ritual de consagração o que o torna forte é o significado que cada um carrega dentro de si, uma vez que é a partir desse significado que passamos ver o compadre, afilhado e padrinho como tal.

Por falar em significado, esse é o que sempre motivou as fogueiras nos terreiros dos moradores da comunidade, uma vez que, ao acender a fogueira acreditamos que São João visita a casa e abençoa as famílias. Caso não se faça a fogueira, o santo não faz a visita e as pessoas deixam de receber as bênçãos. É necessário levar em consideração que os restos da fogueira são abençoados e a madeira que ficar deve ser guardada para o próximo ano, enquanto as cinzas ficam no terreiro até acabarem por completo, não devendo, de acordo com a tradição, serem retiradas do local onde foi feita a fogueira. Rangel (2008) comenta ainda sobre a festa:

Fartura de alimentos e bebidas — tudo isso transforma a festa de São João numa noite de encantamento que inspira amores e indica a sorte de seus participantes. No fim da festa, todos pisam as brasas. As danças regionais, o som de violas, rabecas e sanfonas, o banho do santo, o ato de pular a fogueira, a da fogueira para demonstrar sua devoção (RANGEL, 2008, p.41).

Cada território tem suas especificidades na celebração. Dois pontos que a autora traz no trecho acima e que fazem relação com a minha comunidade, são as músicas, sendo que antes havia sanfoneiros convidados para tocar nas festas ou tinha a possibilidade de tocar a radiola ou vitrola. Hoje, com a modernização dos instrumentos, tem os sons automotivos que são bastante utilizados nessas festas, mas, como principal atração, há as bandas de forró da região que são bem requisitadas nesse período do ano entre as diversas comunidades.

Outra proximidade é o banho do santo, algo interessante, que pode-se dizer escasso hoje na minha comunidade. Antes ele era um dos elementos da tradição. Através de conversas com pessoas mais velhas da minha família, elas me descreveram a prática

do banho de santo como uma crença que é praticada no dia seguinte à data que se celebra as festividades de São João, que é dia 23 de junho. No dia 24, era costume que um grupo de pessoas pulasse no rio bem cedo, na água gelada. Ao pular no rio acreditava-se que eram lavados de seus pecados garantindo sorte no decorrer do ano. O ato de pular no rio pela manhã era conhecido, então, como banho de santo.

Algo que não mudou até hoje é a fartura de alimentos ofertados na noite de São João. Reza a lenda que se podia passar necessidades o ano todo, mas nessa data todas as famílias tinham muito a oferecer. Além da fartura de comida, outro elemento que integra as festividades juninas em algumas regiões do país, como em Bonfim, é a bandeira do santo padroeiro da festa. Segundo Rangel (2008),

No topo do mastro, que deve ter mais ou menos 5 a 6 metros de altura, fica a bandeira do santo padroeiro da festa, símbolo da sua presença durante a festividade. A crença popular é de que o mastro tem o poder de sinalizar, dependendo do lado para onde virar a bandeira que está no seu topo, muita prosperidade ou morte (RANGEL, 2008, p.73).

Para os festeiros, quanto maior o mastro, maior seria a dificuldade de roubar a bandeira. Então, devido a essa crença, era importante fazer a escolha certa do mastro. O ladrão é quem deve subir no alto do mastro e roubar a bandeira que fica no topo sem que ninguém perceba, pois só quem deve saber são os autores do roubo, aquele grupo que se juntou para tal. Portanto, existe a importância de escolher um mastro que dificulte a roupada da bandeira:

A preparação do mastro, até a ocasião de seu erguimento, é parte essencial das festas em homenagem aos santos juninos, principalmente São João. O mastro recebe um tratamento especial desde o momento da escolha da madeira. O tronco da árvore deve ser o mais reto possível e ser cortado em uma sexta-feira de lua minguante por três pessoas que, antes de derrubá-lo, devem rezar o Pai-Nosso. No momento em que a árvore é derrubada e cai no chão, esses homens, em sinal de respeito, devem tirar o chapéu e evitar cuspir naquele lugar. (RANGEL, 2008, p.73-74)

Essa parte descrita por Rangel (2008), foi importante para minha pesquisa, visto que aborda meu desejo de investigar com os mais velhos da minha comunidade e conhecer como funcionava essa parte do processo, um ato de respeito e fé que não conhecia até o momento.

Ainda sobre a ornamentação das festividades juninas, Rangel (2008) relata que que:

Depois de erguidas, essas arvorezinhas são decoradas com fitas, flores, laranjas espetadas nos galhos e cipós de flor-de-são-joão. Seu pé fica repleto de ovos

de galinha, grãos de milho e feijão, para assegurar que a colheita seja farta e haja uma boa produção de ovos, sem pestes nem doenças. (RANGEL, 2008, p.74).

Na comunidade de Bonfim, os enfeites das festas juninas são as bandeiras e diferentes tipos de flores para embelezar a homenagem a São João. Essas flores são produzidas artesanalmente por mulheres da comunidade que aprenderam essa função, como é o caso da minha avó que tinha o enfeitamento da bandeira como afazer no festejo.

Falando em minha avó, quero na próxima carta lhe apresentar seu bisavô, que foi um grande festeiro. Através das palavras dele vou lhe apresentar como as festas eram organizadas antigamente. Espero que assim como eu, você se apaixone pelas palavras desse sábio velhinho.

TERCEIRA CARTA: JOVINO, SEU BISAVÔ

Rio Pardo de Minas, 16 de maio de 2023.

Miguel,

Seu bisavô é um senhor bem velhinho, hoje ele está com 89 anos de idade. É uma pessoa muito querida e amada por todos. Quando criança, sentávamos todos os netos na calçada para ouvir suas histórias, pois pense numa bagagem maravilhosa que ele carrega em sua memória! Ele é um senhor baixinho, magrinho de cabelos brancos, gosta de vestir roupas sociais e sempre está com um boné na cabeça para se proteger do sol.

No dia 8 de março de 2023 fui visitá-lo em sua casa, sentamos no sofá da sala e começamos a conversar sobre as festas juninas. Ele está com problemas de audição atualmente, mas conseguiu me contar muitas coisas para que deixasse escrito nessa carta para você. Ficamos por volta de 40 minutos apenas falando desses festejos. Apesar da idade já avançada, seu bisavô não se queixa e diz se orgulhar muito da idade que tem e a qualidade de vida que leva em comparação a outros que têm a mesma idade.

Hoje, quase chegando aos 90 anos, seu Jovino ainda dispõe de muita saúde para plantar sua horta e cuidar de seu quintal. Ele diz: *enquanto eu tiver saúde para plantar pimenta eu vou plantar, ainda vou durar até os 100 anos, cê vai ver*. Pimenta é algo que seu bisavô gosta bastante e não falta em suas refeições. Muitos se assustam com a quantidade que ele consome – em risos ele diz: *pimenta faz bem pro coração*.

Seu Jovino nasceu e cresceu no Bonfim. Ele morou a vida toda na comunidade e ressalta: *aqui eu nasci, cresci, casei, tive meus 14 fñ [filhos] e quero ser enterrado aqui se Deus quiser*. Seu Jovino gosta de morar na comunidade e tem orgulho de trabalhar com a terra durante sua vida toda. Da terra sempre tirou seu sustento, sempre trabalhou ao lado de sua esposa, dona Eremita, sua bisavó, para criar seus filhos. Hoje, ele é aposentado e vive sozinho na casa após o falecimento da minha vó, mas continua firme no propósito de terminar seus dias na casa onde viveu a maior parte de sua vida.

Como disse, seu bisavô é viúvo e se declara como católico praticante, ele explica o porquê desse termo: *tem gente que fala que é católico porque foi batizado por seus pais quando nasceu, só que não vai numa missa, não reza um terço. Eu não, eu pratico minha religião, faço o possível pra ganhar um dia a salvação*. Seu Jovino diz conhecer sobre os

santos católicos São João, São Pedro e Santo Antônio. Durante toda sua vida teve contato com a história desses santos dentro de sua família e na comunidade como um todo.

Conversando sobre os festejos juninos, seu bisavô diz:

participo de festa junina desde que me conheço por gente, na época que meu pai era vivo, a maior festa que tinha aqui na região era a de São João, depois que eu casei, que meu pai morreu, eu continuei fazendo a festa aqui em casa. Hoje, eu num faço mais porque num dou conta né minha fia, tô velho demais pra essas coisa, mas eu ainda acendo a fogueira de São Pedro porque depois que Mita morreu, eu passei a ser viúvo, aí mudei de santo né. Num é animado igual as festa de São João não, mas como é tradição, eu faço. Mas meus filhos Elias e Jovita no ano retrasado cutucou eu e Mita aí nós resolvemos fazer a festa. Foi bom demais da conta, foi a despedida também, porque Mita morreu um tempo depois.

Aproveitei que ele mencionou essa última grande festa que participou e pedi uma descrição, já que ainda estava mais fresco em sua memória. Ele contou da seguinte maneira:

nós roubou a bandeira na casa de Neusa, só que no outro ano aconteceu de não conseguir entregar porque Mita tava meio adoentada, aí nós entregou no outro ano. Quem animou mesmo foi seus tios Elias e Jovita. Aí Mita era muito festeira. Ela falou: vamo Jovino, nós tá vei mais num morreu ainda, não! Ela tava certinha, gente tem que pruveitar enquanto tá vivo né minha fia. E essa festa foi muito animada.

Seu bisavô segue descrevendo a festa da forma que ele se lembra de ter acontecido; segundo ele, foi preparada por ele e seus filhos. Não todos porque nem todos estavam no dia da festa. No entanto, os que estavam participaram do jeito que foi possível. Assim ele segue descrevendo a última festa que participou:

*A festa não é uma coisa que acontece de uma hora outra cê sabe, a gente fica o ano todo se preparando pra esse dia, tem que ter dinheiro, né, porque é muita boca pra alimentar, aquele monte de gente. Nós preparou o mastro, colocou a bandeira enfeitada pela minha mulher e minha fia e seguimos para casa de Neusa, moradora da comunidade, que foi onde roubamos a bandeira, nisso já tava todo mundo esperando lá pra receber a bandeira. A gente chega cantando assim: *Que bandeira é essa que vamos louvar, bandeira roubada que vamo entregar, vamo entregar com muita com muita alegria, levantar a bandeira da virgem Maria. Em seguida, quando levantamos o maço, cantamos assim: Senhor São João que no mundo andar venha ver seu maço a levantar. Depois do maço levantado: Senhor São João que no mundo andou venha ver seu maço que levantou. Nesse momento ficam todos em volta da bandeira, cantando e batendo palmas.**

Depois do momento da entrega e a levantada da bandeira com muitos fogos de artifício, tem o momento do verso, esse é o momento que apresenta os ladrões. Como

exemplo, seu Jovino apresenta parte do verso que está em um curto vídeo gravado no dia da festa:

*Tivemos muito receio da bandeira ser roubada
Já que os ladrões estava lá, doido pra roubar a danada.*

*Quando rouba uma bandeira o direito é entregar,
Mas é bom tomar cuidado se não nos torna roubar.*

*Nunca teve festa tão boa na fazenda Bonfim ou para esses lados,
Mas pra fazer essa festa tem os seus culpados.*

*A família do seu Jovino hoje é quem faz a festa,
Rubamos a sua bandeira porque deixou a porta aberta.
Do mais velho ao mais novo, todos eles são ladrão
Vamos louvar com alegria a bandeira de São João.*

*Seu Jovino quem diria, é muita decepção,
Nessa altura da vida, ainda virando ladrão.*

*Dona Mita olha só, essa é muito festeira,
Se juntaram com os filhos para roubar a bandeira.*

*Ao amanhecer do dia chegando para trabalhar,
Vendo a bandeira no maço, Elias resolveu roubar!
Sem ninguém para impedir, o ladrão logo agiu,
Só tinha um cachorrinho, mas o bichinho nem latiu.*

*Elias catou a bandeira e guardou lá no busão,
Desculpa comadre Neusa, mas eu sou um bom ladrão.*

*Fidelis também estava, participando da ação,
Esse é o filho mais novo, mas foi arrastado para a missão.*

*Jovita é uma filha dedicada, enfeitar a bandeira foi a sua função
Ajudou dona Eremita e aprendeu a profissão.*

*A família de seu Jovino cumpriu a sua missão,
Agora vamos festejar a noite inteira,
Pois é dia de São João.*

Nesse verso são apresentados todos os participantes da roubada de bandeira e ele ainda descreve como aconteceu o “roubo”. Esse é um momento muito esperado, pois todos ficam aguardando para saber quem foram os ladrões e somente nessa hora é descoberto ao certo quem foram os participantes. Também é um momento divertido, pois as rimas têm sua graça.

Em seguida seu Jovino diz que é comum que se reze o terço, um momento muito bonito que renova a fé e esperança no santo.

Depois do terço é comum ter um animado forró para alegrar a todos, muita música e comida com fartura para os participantes. Das comidas ofertadas, seu Jovino diz que antigamente era servido café, chá, biscoito e cachaça para aqueles que bebiam. Seu Jovino deixa claro que hoje em dia o povo prefere comer carne assada e tomar refrigerante e bebida alcoólica, mas que sempre tem na mesa biscoito de polvilho e café, pois é algo muito característico que descreve a festa, pelo cheiro e sabores que são trazidos através desses alimentos.

Sobre as mudanças nos festejos de sua juventude até os dias atuais, seu Jovino diz que a maior mudança é que hoje em dia só tem essas roubadas de bandeira se for de iniciativa dos mais velhos, os jovens não tem interesse de tomar partido para organizar o festejo. Seu bisavô diz que praticamente não tem na comunidade essa roubada de bandeira na qual todos eram convidados a participar. Ele diz que raramente ainda vê falar de alguma festa, mas hoje com os meios de comunicação avançados existe uma participação grande de pessoas de fora, de outras comunidades mais distantes. No entanto, ele sente que esses grandes movimentos perderam forças, porém ainda não acabou por completo. Seu Jovino diz que o momento da fogueira é um clássico que acontece na maioria das residências e mesmo que não compareçam todos em um mesmo local, as famílias não deixaram de celebrar e homenagear São João.

Seu Jovino diz que as festas organizadas antigamente se diferenciam das atuais pelo fato de que não acontece grandes festejos com a mesma frequência e quando existe não tem o mesmo engajamento da comunidade na organização, antes era algo mais comunitário, hoje as tarefas são mais destinadas aos ladrões das bandeiras.

As fogueiras continuam do mesmo modo, segundo seu Jovino, antes eram organizadas pelas famílias e hoje seguem do mesmo jeito, e a maior parte das famílias segue a organização. Seu Jovino diz que alguma diferença aconteceu pelo fato de ter novos hábitos nas festas em termos de músicas, bebidas e vestimentas. Segundo ele, as pessoas eram mais comportadas, tinham mais respeito umas pelas outras, inclusive no modo de se vestir. Nas suas palavras: *hoje o povo não gosta de pano não, as moça principalmente.*

Seu bisavô diz que todas as festas eram boas e que a cada ano eram momentos aguardados por todos. Sua participação nas festas sempre foram momentos cheios de alegria. Os momentos importantes giram para seu bisavô em torno da diversão que o momento de fé proporciona à comunidade, as pessoas se juntam para celebrar esse

momento, se divertem e trocam experiências umas com as outras, ainda relata que a festa é muito importante de ser preservada pelos jovens para que continue a acontecer depois da partida dessa geração que viveu esses momentos e conhece a organização desses festejos.

Miguel, agora que você conhece as festas pelas vivências de seu bisavô, quero lhe contar uma outra versão, a de sua vó Maria. Essa carta quero que você leia com calma, pois foi essa história que ouvi durante minha infância e quero deixar escrita com todo meu amor para você, meu filho.

QUARTA CARTA: MARIA, SUA AVÓ

Rio Pardo de Minas, 18 de maio de 2023.

Miguel,

Em uma manhã de domingo, mais precisamente no dia 20 de fevereiro de 2023, num dia tranquilo conversando com a sua avó, conhecida por Dona Maria, que ela foi me trazendo suas vivências nas festas juninas. Ela foi me contando um pouco sobre sua trajetória de vida para que eu apresentasse a você.

Sua avó foi nascida e criada no Bonfim, assim como seus pais e avós, e deles advém muitos dos conhecimentos que ela me transmitiu durante a vida. Apesar de ter esse vínculo umbilical, ela diz ter reservas de morar na comunidade, pois sente que o lugar não tem prosperidade no que diz respeito à educação e percebe ainda, muita dificuldade no que se relaciona à saúde. Segundo Dona Maria, as suas reservas em relação a comunidade se deve alguns fatores:

O lugar é muito esquisito, muito fraco! É muito difícil das crianças ir pra a escola, as estradas é tudo cheia de buraco e, mesmo assim, não tem como seguir direto na escola, porque não tem no lugar, por isso, que eu peguei cês tudo e vim embora pra cidade porque eu sabia que, se eu ficasse lá, ia acontecer igual foi com os menino mais veio, ia tudo largar a escola de mão.

Dona Maria, como mãe, se preocupa com o fato de não ter educação escolar de qualidade no lugar de morada, trazendo o relato da sua vivência com seus próprios filhos quando percebeu a situação insustentável da educação que era ofertada na comunidade. Assim, sua avó diz que sempre foi lavradora e trabalhou na roça *puxando enxada*. Diz se orgulhar muito da sua história, no entanto, é uma vida muito sofrida e espera que seus filhos consigam ter uma formação superior para que tenham um trabalho menos duro.

Sua avó é católica desde que nasceu. A religião praticada, segundo ela, se dá pela influência da família, pois os pais, avós e bisavós sempre foram católicos e muito fiéis à religião. Segundo Dona Maria, a influência dos santos juninos da comunidade em sua vida advém das histórias contadas por seus pais. Assim ela diz:

De São João foi cortada a cabeça, né? Pai contava que São João é a anunciação que Jesus está vindo, aí ele é a luz que vem avisar a nós que Jesus está vindo. São Pedro é o santo dos viúvos, não lembro agora

porque ele é dos viúvos, mas eu cresci sabendo que é. Santo Antônio é o santo casamenteiro, na época que eu era moça, as moças viviam fazendo novena pra esse santo pra arrumar casamento. Eu só sei que São João é o santo mais importante do mês.

Dona Maria diz que sempre participou das festas, só que agora está tudo diferente no modo de organizar, então essa participação também mudou. Desde criança ela participa das festas e relata como era esse momento de sua vida:

Quando eu era criança minha mãe e todas as mães levava os pano pra forrar no chão pras crianças dormir, nesse tempo num ficava ninguém dentro de casa não, era menino os jovem e os véi. Todo mundo reunido pra celebrar o dia de São João.

Dona Maria diz que a igreja não tinha ligação direta com a festa, mas que os santos partem da igreja católica e o terço que era rezado na roubada de bandeira é o mesmo que rezamos atualmente. Ela conta que esse terço foi ensinado através desses festejos. O terço é um ato de fé praticado pela comunidade até os dias atuais e Dona Maria o apresenta como parte muito importante da sua vida e dos demais moradores da comunidade que praticam diariamente esse ato de fé. Portanto, a relação do festejo com a igreja se dá devido aos aprendizados acerca dos santos católicos e ao ato de devoção aos santos.

Pedi que ela me relatasse a reza do terço da forma que foi ensinado nesses festejos e assim ela foi me dizendo quais orações são feitas:

Início da Reza:

Vinde Espírito Santo, enchei o coração de vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, concedei-nos que pelo mesmo espírito saibamos o que é reto e gozamos da sua divina consolação pelo mesmo Jesus Cristo nosso senhor. Amém.

A reza segue com a seguinte oração:

Divino Jesus vos oferecemos esse terço que vamos rezar meditando os mistérios da vossa redenção, oferecimento particularmente em desagrave dos pecados cometidos, o santíssimo coração de Jesus, o Imaculado coração de Maria pela paz do mundo, pela conversão dos pecadores, pela aumentificação do clero, pelas almas do purgatório, pelo nosso vigário, pelos doentes, pelos agonizantes, por todos que pediram as nossas orações, por todas as nossas intenções particularmente pelo Brasil.

Dando sequência com o Creio:

Ceio em Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra; e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor; que foi concebido pelo poder do Espírito Santo; nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado. Desceu à mansão dos mortos;

ressuscitou ao terceiro dia; subiu aos céus, está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e os mortos; creio no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, na comunhão dos Santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna. Amém.

Assim segue com a reza...

Senhor meu Jesus Cristo Deus é homem verdadeiro criador redentor meu Ponce de vós quem sois firmemente bom, digno de ser amado sobre todas as coisas que eu vos amo e vos estimo, benza meu senhor! Benza meu senhor de todo meu coração se eu vos tenho ofendido, mas proponho firmemente ajudar com auxílio da vossa divina graça, emendai nunca mais tornai nos ofender me espera alcançar os perdão das minhas culpas pela vossa infinita misericórdia. Amém.

Com o pai nosso, três ave maria e um glória ao pai, a primeira ave maria um deus pai que nos criou a segunda é deus filho que nos reuniu e a terceira é o espírito santo que nos santifica.

A reza do terço segue de forma que os mistérios são divididos pelos diferentes grupos que contemplam o local. O primeiro é os homens que lideram, o segundo as crianças, o terceiro é os jovens, o quarto as mulheres e o quinto os donos da casa.

Os mistérios são diferentes de acordo com o tempo, sendo ao todo cinco mistérios, mas, há três tipos de mistérios mais usados (os Gloriosos, os Gozosos e os Dolorosos) e cada um é rezado em uma ocasião. Nos dias de festa, por exemplo, como Natal, Páscoa, e dias festivos na igreja é rezado o mistério Gozoso. Em dias de conversão como na Quaresma, e na Sexta-Feira da Paixão, é rezado o mistério Doloroso, lembrando o sufrágio de Jesus. Nos demais dias, chamado Tempo Comum, são rezados os mistérios Gloriosos.

Assim é rezado por quem está liderando a oração: Pai nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu;

Outras Pessoas: (Continuação da Oração) O pão nosso de cada dia nos dai hoje, senhor perdoai as nossas ofensas assim como perdoamos a quem nos tem ofendido, não nos deixei cair em tentação, mas livrai-nos do mal;

Liderança: (Ave Maria) Ave Maria cheia de graça, o senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus;

Outras Pessoas: (Continuam) Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém.

E, assim, a oração da Ave Maria se repete por dez vezes, com um liderando e as outras pessoas continuando, e segue o mesmo exemplo nos próximos quatro mistérios,

cada qual sendo iniciado pelo seu grupo responsável. Quando não tem esses grupos específicos, a divisão de mistérios fica a critério dos rezadores.

Após rezar os 5 mistérios segue o terço com a seguinte oração que se trata do agradecimento do terço:

Infinitas graças vos damos, Soberana Rainha, pelos benefícios que todos os dias recebemos de vossas mãos liberais. Dignai-vos agora e para sempre tomar-nos debaixo de vosso poderoso amparo e para mais nos obrigar vos saudamos com uma Salve Rainha...

E posteriormente a oração em saudação a Nossa Senhora Mãe de Jesus:

Salve Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, salve! A vós bradamos os degredados filhos de Eva. A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei, e depois deste desterro mostrai-nos Jesus, bendito fruto do vosso ventre, ó clemente, ó piedosa, ó doce e sempre Virgem Maria. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém.

E assim se finaliza o terço com agradecimento em um momento de silêncio que participa todos que estão presentes.

Há uma importância do terço para a comunidade Bonfim, sendo esse uma forma de fortalecer o vínculo de adoração a Deus e da religião que praticamos. Segundo Dona Maria, além de rezar dentro das famílias todos os dias da semana, nas terças-feiras acontece também um momento que a comunidade se reúne, cada semana em uma residência, para realizar esse momento de fé.

Depois dessa descrição do terço, sua vó continua a falar da sua participação na festa junina durante sua juventude. Dona Maria, entre risos, puxa pela memória momentos vivenciados que lhe marcaram nas festividades:

A gente ia pras festa, lá a gente tinha as colegas, arrumava uns namoradinho, assim, passageiro, daquele dia, uns namoro de antigamente que a gente só conversava, e... a gente brincava também de cantar de roda, as moças, né?! Nós ficava jogando verso. Os rapaz ficava de fora só olhando, admirando...

Não podia deixar de perguntar sobre essas cantigas, né?! Afinal é muito original e não é comum acontecer atualmente nesses eventos. Ela se lembra com muito carinho, dá para perceber em seu tom de voz. Assim ela descreve:

Nós fazia uma roda né, aí segurava todo mundo nas mão e ficava rodando e cantando os versos e cada um tinha que cantar um sem repetir. As vez a gente ficava jogando os verso pra assentá naquelas moça chata que nós num gostava sabe.

Sua avó ainda traz exemplos dos versos que eram habituais da época, observe que riqueza:

*Joguei meu lenço do rio,
meu lenço caiu aberto
Eu não quero amor de longe
porque tenho o meu de perto.*

*Alecrim verde, ele seco cheira mais
Ele cheira meu benzinho
Quando chega de viagem.*

*Você diz que eu sou feia
Mas não sou tão feia assim,
Eu passei no seu terreiro
Você pegou feiura em mim.*

*Lá no pé daquela serra
Tem um pé de mangabeira
A coisa que eu mais detesto
É nigrinha regateira.*

*Entrei dentro do rio
Dando água no joelho
Pra tira o cravo rosa
De dentro do cravo vermelho.*

Dona Maria ainda diz: *se eu for falar todos que eu sei, nós ia ficar o dia inteiro aqui igual nós ficava lá nas festa, nós varava a noite jogando verso, a noite passava e nós nem dava fé.* Com o pensamento ligado ao festejo, as mãos posicionadas debaixo do queixo, sua avó diz que o mês de junho era o mais esperado por todo mundo, era um mês de muita alegria que todos esperavam com muita ansiedade. Assim ela diz: *não era assim igual hoje não, nós trabalhava o dia inteiro na roça e depois do serviço nós ia arruma naquela alegria pra ir pra festa. Todo mundo trabalhava mais feliz pra ir pra festa, era muita união.*

Sua avó diz que as moças não tinham as mesmas liberdades que os rapazes, assim a participação só podia acontecer com a permissão do pai. O forró que era dançado tinha que ter o consentimento do pai para que pudesse participar, ela diz que quanto mais gente tinha na festa o cuidado com as filhas moças eram redobrados e a dança, segundo Dona Maria, deveria ser reservada a alguns homens, pois, de acordo com o pai dela, tinha muito “pinhão vagabundo” que vinha das comunidades vizinhas.

Os primeiros festeiros da comunidade eram: *finado Quelemente Marco, finado Bastião.* Os filhos desses festeiros herdaram a tradição e, segundo dona Maria, ficaram: *Afredo, Jacobino e seu Jovino.* Esses são os nomes mais presentes na organização dos

grandes festejos, que é conhecido pela comunidade como *roubada de bandeira*.

Apesar de serem esses os grandes nomes, a maior parte da comunidade participava organizando as fogueiras em suas casas, e na participação dos festejos organizados por essas e outras famílias da comunidade.

As amizades que as festas geravam eram muitas, segundo Dona Maria, além das amizades que faziam durante a organização e participação da festa, tinham as relações que eram estabelecidas pelo compadrio: *nós fazia cumpade, cumade e até hoje eu tenho compadres desse tempo*. Sua avó descreve em risos como eram feitos esses compadrios: *era assim, nós puzia um tição da fogueira lá, né... naquele tempo ninguém caçuava da gente não, né! Nós pegava na mão um do outro e consagrava a São João pulando o tição para lá e pra cá falando assim: São João dormiu, São João acordou no vira cumpade porque são João mandou. Adeus cumpade! Adeus cumpade*. Assim, de acordo com as palavras de Dona Maria, o compadrio era um vínculo eterno enquanto os participantes praticarem a religião católica. Desse modo, as amizades eram fortalecidas pela crença em São João.

Ainda nessa prática de compadrio as crianças eram consagradas também na fogueira de São João com a seguinte fala: *São João dormiu, São João acordou, você vai ser meu afilhado porque São João mandou. Bença padrinho! Deus te abençoe*. Essas são palavras que geravam vínculo entre os participantes. Essa consagração fazia que o afilhado devesse respeito e obediência ao padrinho do mesmo modo que o padrinho tinha responsabilidade com o afilhado. Tudo isso só fazia sentido porque todo aquele ritual tinha significado para o povo.

Dona Maria diz que sua participação nos festejos mudou totalmente. A forma de organização faz com ela sinta que não existe mais a mesma alegria na participação das festas, segundo ela é tudo muito diferente. As pessoas já não se relacionam da mesma forma e ela diz sentir falta das brincadeiras que antes tinham inocência, como é o caso das cantigas de rodas. As músicas sem insinuações desrespeitosas, segundo Dona Maria, a *vaidade* que existe atualmente faz com que os assuntos que são conversados nesse mesmo ambiente que, antes eram contando causos e piadas, hoje é discutido coisas materiais, assuntos relacionados a beleza, dinheiro e poder. Nas palavras de dona Maria:

o povo de antigamente era de um modo, os de hoje é muito diferente, virou dois mundos um dentro do outro. Eu lembro do jeito que era feito as festa antigamente já esses menino novo não sabe nem os versos que os próprios pais brincavam na juventude.

Assim, para reiterar a percepção de diferença entre os festejos de antigamente e

os atuais, Dona Maria descreve em detalhes como era essa participação:

Nós ia mais tia Lia, era ela que rezava o terço, aí nós tinha que ajudar ela. Foi assim que eu aprendi rezar o terço, eu preendi rezar terço nas festa. Tia Lia era a única mulher que sabia rezar o terço no Bonfim, depois do terço tinha a levantada de bandeira, depois da levantada de bandeira tinha o leilão. Depois, o resto da noite tinha forró, quem os pai deixava dançar, ia dançar, e o resto ficava brincando de roda. De vez em quando nós inventava de namorar lá também, né”.

Dona Maria, em risos e com os olhos cheios de lágrimas, diz lembrar de uma festa que lhe marcou profundamente, em suas palavras:

A festa que ficou marcado pra mim de quando eu era moça, foi de quando eu comecei a namorar com seu pai, a festa era na casa de Delício de Péta um morador da comunidade. Ele sentou do meu lado e falou assim: nós vamos namorar mais é pra casar, viu? Eu só respondi pra ele assim: só depende docê. Aí, nós namorou, foi tendo uns contratempo mais, aí nos casou e viveu até o dia que ele morreu.

Dona Maria descreve a participação da comunidade na festa da seguinte forma:

Quem organizava a festa era o dono da casa, aí eles chamavam as pessoas mais próximas para ajudar a fazer as coisas; tinha quem fazia o biscoito, quem enfeitava a bandeira, já tinha as pessoa que mais sabia mexer com essas coisas né. Tinha outras que ia ajudar arrumar a casa, aquele tempo gente panhava água no rio, tinha que carregar água no pote para encher as vazia para usar na hora da festa. Tinha os homem que ia tirar fogueira, outros ia fazer a latada de ramos para caber todo mundo.

Dona Maria diz que a união de hoje em dia é diferente, as famílias se organizam entre si na preparação da festa, não existe na organização a mesma participação da comunidade para preparar o evento. No entanto, segundo os relatos da sua avó, as pessoas ainda vão no momento dos festejos – participam mais no momento da festa. Portanto, para conseguir realizar uma grande festa como essa é necessário ter uma família grande disposta a fazer a festa ou também existem, atualmente, os foliões que roubam a bandeira em grupos de amigos para que tenham condições financeiras e físicas de realizar a festa.

As comidas que eram oferecidas nas festas juninas eram: café, chá, biscoito, bolo, quentão e pinga [cachaça]. Também tinha os assados, frango, lombo, pernil entre outros que eram levados para o leilão, mas, para consumir, devia ser arrematado, normalmente quem arrematava dividia com quem estava presente no local.

As músicas tocadas antigamente quando miha mãe era jovem eram os toca-discos, músicas antigas que eram: Arlindo Beto, Teixeira e toque de sanfona.

A igreja participava mais em outros eventos como o Natal e a festa de Senhor do Bonfim. O envolvimento direto na festa de São João não é prática da igreja. No entanto, percebemos que sua influência nas festividades vem desde o início da história, já que esses santos homenageados são santos católicos.

Miguel, sua avó é uma mulher muito guerreira, tem suas mãos calejadas da vida na roça, às vezes você vai perceber que ela é muito fechada, muitos pensam que é uma pessoa brava, mas é só impressão, ela é um amor de pessoa! Os acontecimentos da vida a tornaram assim, mais fechada, penso que seja uma forma de se defender das dificuldades que a vida lhe impôs, uma armadura gerada pelo sofrimento. Agora que você conhece bem sua avó e a relação com as festas, pode compreender o porquê esse movimento é tão importante para mim e sabe também porque fiz questão de escrever essas cartas para você, espero que tenha gostado dessa leitura, meu filho.

As festas juninas são um evento cultural muito importante para sua mãe, por isso, além de você quero que a próxima missiva chegue a outras pessoas, por isso te convido a ler uma carta destinada às novas gerações, assim como você.

CARTA ÀS NOVAS GERAÇÕES

Rio Pardo de Minas, 20 de maio de 2023.

Às novas gerações,

As festas juninas sempre foram eventos que unem a população de forma que gera laços afetivos entre os moradores, sendo essa, uma forma de reafirmar a fé de um povo em uma crença. Essa forma de devoção acompanha a comunidade desde o início de sua formação, sendo uma maneira de demonstrar devoção aos santos juninos, Santo Antônio, São João e São Pedro. Em Bonfim, principalmente, à São João.

Acontece de forma anual, no mês de junho, período de muita alegria na comunidade. Essas festividades fazem parte das culturas populares relacionando-se com a igreja católica, tendo os santos do mês um importante significado para os católicos. Assim, as festas juninas fazem parte das culturas populares do Brasil e têm grande relevância para a comunidade Bonfim.

As crenças aos santos juninos são passadas de geração em geração, por meio das vivências dos familiares nos festejos, normalmente a devoção aos santos, é gerada na participação desde crianças nesses festejos e por meio de histórias orais contadas sobre as festas.

A percepção de mudanças relacionadas aos festejos me fez cogitar em um possível enfraquecimento. Portanto, essa pesquisa objetivou investigar a relação da comunidade com a tradição das festas juninas, compreendendo as relações sociais envolvidas na produção e organização dessa festa ao longo dos anos. Por meio dessa investigação foi possível fazer uma relação entre os festejos juninos há 40 anos e atualmente em 2023. Por meio de conversas de memórias dos saberes relativos a esses festejos foi possível perceber mudanças nas formas de organização e participação nesse evento ao longo do tempo.

As memórias apresentadas no decorrer dessa pesquisa estão em diálogo com as minhas próprias vivências nas festas, por isso fiz o uso da autoetnografia me incluindo nesse trabalho como sujeito dessa pesquisa. Apesar de fazer parte das experiências desses festejos, essa pesquisa me proporcionou descobertas que fazem parte da minha história. As conversas com as pessoas mais velhas da minha família me mostraram aspectos dos festejos juninos que ainda não havia conhecido. Foi possível compreender as riquezas que existiam no passado e as transformações temporais que sofreram a organização dos

festejos. Assim, essa pesquisa cumpriu o papel de memorial ao apresentar as questões que aparecem nos diálogos sobre as festas juninas. Também é uma importante forma de mostrar as diferentes formas de conhecimento e a beleza que existe nas culturas populares existentes, ainda mostra a importância da cultura para a comunidade de forma que haja uma maior valorização da cultura na comunidade.

Trabalhar com essa temática me proporcionou uma infinidade de sensações, emoções e surpresas, pois esse trabalho trouxe novidades como o início da reza do terço e o início do namoro de meus pais. Fazer essa pesquisa não foi fácil. Uma investigação dentro da nossa realidade faz com que tenhamos dificuldades de estranhamento, pois temos a sensação que conhecemos tudo relacionado ao tema. Foi um processo de muita dedicação que exigiu muito esforço e comprometimento, este trabalho é uma forma de exercer um protagonismo na minha comunidade, fazendo um movimento de apresentação de aspectos culturais, que servirá ainda de estímulo para que essa tradição não se perca e esteja escrita através das cartas apresentadas nesse trabalho. Essa é, para mim, uma forma de trazer a minha comunidade para dentro da universidade.

Por fim, as festas juninas são uma forma de fortalecimento de laços e crenças entre a comunidade, atividade movida por significados que fazem com que as pessoas pratiquem nas suas vivências, contribuindo também para a cultura do Brasil. No Bonfim, as festas juninas tiveram transformações nas formas de organização, nessa parte, interferiu nas relações que eram estabelecidas entre os moradores. No entanto, as festas continuam acontecendo na comunidade, me fazendo entender que ocorreu uma transformação na forma de organizar, mas que as festividades estão presentes e o significado que ocorre na participação da mesma continua existindo. Reforço que são mudanças que ocorrem com os avanços de tempo e de espaço, essas transformações estão relacionadas às organizações temporais, familiares, econômicas e tecnológicas. No entanto, elas não impedem que as festas sejam organizadas e que o sentido de festejar seja mantido. Se bem utilizados, esses avanços podem beneficiar essas práticas culturais aliando um ao outro. Temos o exemplo das tecnologias, como sons automotivos, meios de conservação e produção de alimentos, meios de transporte para chegar às festas, entre outros, que beneficiam a organização e participação dos festejos, gerando mais conforto e praticidade sem tirar o significado da prática.

Portanto, este trabalho é uma forma de conhecer a antiga e a atual forma de organização das festas, para que as novas gerações sejam estimuladas na permanência do significado que a festa produz ainda que o tempo estimule mudanças nos aspectos do festejo.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições Setenta, 1994.
- CATENACCI, Vivian. Cultura popular: entre a tradição e a transformação. **São Paulo em perspectiva**, v. 15, n. 2, p. 28-35, 2001.
- COSTA, Maria Elisabeth de Andrade. Cultura popular. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 1. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbete). ISBN 978-85-7334-279-6. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/26/cultura-popular>. Acesso em 21 de jan. de 2023.
- DIAS, Ângela Rodrigues. **As mulheres na festa de São Sebastião**: um estudo sobre a construção de laços comunitários de Boa Vista. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Educação do Campo - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.
- DORES, Fabíola Gaspar das. A memória como método de pesquisa. **Cadernos do Campo**. ISSN: 1415-068, 1999. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/10143/6642>>. Acesso em 25 de nov. 2022.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, LTC, 2008.
- HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GOMES, Tainara Dias. **Pesquisa exploratória sobre a importância da folia de reis para um grupo de foliões da comunidade Monte Alegre e região – Rio Pardo de Minas-MG**: laços e traços na religiosidade popular. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Educação do Campo-Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.
- INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE Cidades. Histórico da cidade de Rio Pardo de Minas. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/rio-pardo-de-minas/historico>. Acesso em: 12 de out. 22.
- INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE Cidades. Panorama da cidade de Rio Pardo de Minas. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/rio-pardo-de-minas/panorama>>. Acesso em: 12 de out. 22.
- LARAIA, Roque. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 14º ed. 2001, 116p.
- LIMA, Antonio A. Por que uma convenção sobre a proteção da diversidade cultural?. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 54, p. 447-454, 2005. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10089>. Acesso em: 3 dez. 2022.

MAIA, S.; BATISTA, J. dos S. REFLEXÕES SOBRE A AUTOETNOGRAFIA. **Prelúdios - Revista Discente do PPGCS-UFBA**, [S. l.], v. 9, n. 10, p. 240–246, 2022. DOI: 10.9771/revpre.v10i10.37669. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistapreludios/article/view/37669>. Acesso em: 18 maio. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PROJETO SANBAS. <https://sanbas.eng.ufmg.br/rio-pardo-de-minas-mg/acso>. Acesso em: 03 de nov. 2022.

RANGEL, Lúcia Helena. Festas Juninas, festas de São João: origens, tradições e história. São Paulo: Publishing Solutions, 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/1630392-Festas-juninas-festas-de-sao-joao.html>>. Acesso em: 03 de out. de 2022.

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. São Paulo: Editora Brasiliense. 12º reimp. 16ª ed. 2009, 84p. (Coleção Primeiros Passos 110).

SOUSA, Andreia. Práticas sociais de linguagem na comunidade Bonfim, Rio Pardo de Minas. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Educação do Campo - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2022.